

BAIRRO DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

CINQUENTENÁRIO



JUNHO DE 2002

Can/02/02

BAIRRO DE
NOSSA SENHORA
DA PIEDADE



CINQUENTENÁRIO

JUNHO DE 2002

FICHA TÉCNICA

AUTOR: Comissão Organizadora

TÍTULO: Cinquentenário do Bairro de Nossa Senhora da Piedade

CAPA: Carlos Canhão

CONTRA-CAPA: Foto cedida pelo jornal a Capital

SAUDAÇÃO: Comissão Organizadora

INTRODUÇÃO: Arquitecto Carlos Alberto S. Gomes

EDIÇÃO: Câmara Municipal de Almada
Junta de Freguesia da Cova da Piedade

Ano 2002

TIRAGEM: 2000 exemplares

EXECUÇÃO GRÁFICA: Gráfica St.º António

NOTA: Os Títulos dos Capítulos são da autoria e responsabilidade
da Comissão Organizadora

Comissão Organizadora

ALFREDO JOSÉ ROLÃO JORGE

ANTÓNIO BOAVIDA ANSELMO

CARLOS ALBERTO BRANDÃO AMARAL

CARLOS JOÃO NUNES REIS

CARLOS MANUEL ALVES DOS SANTOS

CLÁUDIA SOFIA SANGUESSUGA GARCIA

DANIEL PEREIRA DAS MERCÊS

JOSÉ RODRIGUES BAPTISTA DE CARVALHO

JUSTINIANO MARTINS PINHA

LUIS CARLOS COSSEIRO VIEIRA BORGES

LUÍS SILVA DA COSTA NEVES

ODETE MARIA ROSA SANGUESSUGA GARCIA

RAUL FRÓIS RODRIGUES

RICARDO MANUEL VICENTE DUARTE

PROGRAMA

– Domingo, 2 de Junho –

- 16h30** – Missa Campal no recinto do Centro Paroquial com a participação da comunidade
18h00 – Solene Procissão Eucarística, partindo da Capela do Bairro para a Igreja Matriz.

– Sexta-feira, 14 de Junho –

- 21h00** – Recepção de boas-vindas, pelo Rancho de Folclore Infantil e etnográfico, do Centro Paroquial e Escola nº 2 da Cova da Piedade.
– Debate subordinado ao tema: «O Bairro e as suas origens».
– Exposição Colectiva de pintura dos artistas Almadenses:
Carlos Canhão – Pintura
Lurdes Sério – Pintura Cerâmica
Maria José Camões – Pintura
Dr. Costa Martins – Pintura
(a realizar no ginásio do Centro Paroquial)
– Exposição: «As Escolas Centenárias».
cedida gentilmente pelo Museu Municipal de Almada.
(a realizar na Escola Primária nº 2 da Cova da Piedade – Bairro).
HORÁRIOS DAS EXPOSIÇÕES: de Segunda a Sexta-feira, das 9h00 às 17h00.
aos fins-de-semana com festas no horário das festas.

– Sábado, 15 de Junho –

- 21h00** – Concerto pela banda da SFUAP.
(a realizar frente à capela do Bairro).

– Domingo, 16 de Junho –

- 10h00** – Gincana infantil – colaboração da U.R.B.
10h30 – Corrida pedestre à volta do Bairro – colaboração da U.R.B.
21h00 – Actuação do Grupo Coral e Musical, Amituna da Cova da Piedade.
21h45 – Arraial com a actuação de um conjunto musical.

– Sexta-feira, 21 de Junho –

- 21h00** – Noites de Fados
– Quermesse, sardinhada, etc.
(a realizar no Centro Paroquial com a colaboração do Centro Paroquial).

– Sábado, 22 de Junho –

- 21h00** – Entrega de lembranças aos artistas e às organizações intervenientes.
– Sessão de encerramento.
– Arraial com a actuação de um conjunto musical.
– Quermesse, sardinhada, etc.
(a realizar na praça de Ceuta com a colaboração do Centro Paroquial).

Saudação

Comemora-se agora um aniversário do Bairro de Nossa Senhora da Piedade. Não se trata, porém, de uma qualquer efeméride comemorativa sem significado! O Bairro da Nossa Senhora da Piedade foi inaugurado oficialmente há cinquenta anos, num período dramático da história portuguesa, o que confere a esta data uma memória de sofrimento e dor que não devemos esquecer para que não se repita.

Mas há a outra historia do Bairro: O da convivência entre gentes das mais variadas origens e posições sociais que aqui chegaram vindas de todas as regiões do país, que aqui se radicaram, constituíram família, se relacionaram com os que estavam ou que vinham chegando, aqui fizeram amigos, viveram alegrias ou tristezas dos eventos familiares e dos amigos – e... choraram os momentos dramáticos que a vida dá. Aqui confessaram os sonhos e também as desilusões que cresceram e feneceram junto das paredes das suas casas do Bairro. Foi no Bairro que festejaram o nascimento de filhos, e foi também aqui que os viram crescer, ir a escola e, depois, a mágoa de os ver partir Mas foi também aqui que chegou a alegria do primeiro neto, e – ... os primeiros cabelos brancos E um dia dá-se conta que os anos passaram céleres e que muitos dos que ajudaram o Bairro a ser mais do que um aglomerado de casas, e que o ajudaram a existir como um sítio de convivência saudável já fizeram a derradeira viagem. Com muitos deles estabeleceu-se amizade! Por nos perpassa um sentimento de saudade desses tempos em que fomos jovens, mas a marcha do tempo não perdoa

O Bairro aí está agora com os filhos ou os netos dos que o inauguraram há cinquenta anos a lembrar-lhes os pais ou os avós que viveram aqui uma vida às vezes difícil, pela lembrança das terras donde partiram e dos familiares que ia deixaram Mas deixaram aqui uma semente de fraternidade E por isso que o Bairro continua a ser um espaço de convívio entre pessoas que naturalmente são diferentes na maneira de estar, pensar e agir, mas onde se respeita cada um, independentemente da raça, ideologia ou religião Isso faz com que o Bairro tenha sabido, ao longo da sua existência, integrar os nossos moradores que aqui vão chegando

Nesta data de festa para todos os moradores do Bairro, queremos saudá-los fraternalmente com um grande abraço de amizade

VIVA O BAIRRO E AS SUAS GENTES

A COMISSÃO PROMOTORA
22.06.2002

Agradecimentos

Começa por ser para nós um dever, o qual fazemos com muito prazer, apresentar à Câmara Municipal de Almada e Junta de Freguesia da Cova da Piedade os nossos mais profundos e sinceros agradecimentos pela participação, colaboração, apoios e subsídios prestados, sem os quais não teria sido possível levar a efeito a realização desta comemoração.

Igualmente agradecemos a participação e colaboração do Centro Paroquial do Bairro, da Escola Primária n.º 2, do União Recreativo do Bairro, da U.R.P.I.C.A., e da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense.

E ainda à Amituna, aos Pintores Carlos Canhão, Lurdes Sério, Maria José Camões e Dr. Costa Martins, assim como, a todos os artistas que actuaram nas festividades, sem esquecer gente anónima – Mulheres e Homens – que empenhadamente se excederam com dedicação nas várias tarefas que tornaram possível o êxito deste evento.

A TODOS O NOSSO MUITO E MUITO OBRIGADO

BEM HAJAM

A COMISSÃO ORGANIZADORA

Introdução

O conjunto de moradias do Bairro da N.ª Sr.ª da Piedade tem um papel significativo no crescimento urbano da cidade de Almada, por se tratar do primeiro bairro de características sociais, denominado como tal Bairro das Casas Económicas, edificado na periferia da cidade.

Foi uma atitude assumida a expansão futura da cidade de Almada por esta área.

A estrutura urbana do Bairro tem um desenho interessante para a época – um eixo circundante constituído pelas ruas Terras dos Cortes Reais, de Vera Cruz e parte da Cabo da Boa Esperança, uma praça central com a Igreja, funcionando como a grande entrada, e um conjunto de pequenos armamentos estabelecendo a ligação entre a praça e seus prolongamentos e o eixo circundante. A definição de dois percursos pedonais articulando os arruamentos interiores entre si, no sentido nascente poente, favoreceram as relações de vizinhança.

O desenho urbano aproveitou as potencialidades da encosta exposta a nascente-poente para a criação de boas condições de habitabilidade.

A existência do conjunto de escolas primárias completa o quadro de valores do núcleo urbano. A experiência urbana do Bairro apresenta características e parâmetros urbanísticos que valorizaram as vivências do espaço e que ainda são actuais.

As diferentes tipologias das moradias geminadas e a sua integração nos quintais adaptaram-se bem às necessidades da vida familiar dos anos cinquenta e intensificaram as relações de vizinhança. A diversidade do desenho arquitectónico das moradias, embora reflectisse as diferenças sociais, contribuía para a ausência de monotonia, impondo uma dinâmica visual enriquecedora.

São os valores urbanísticos e arquitectónicos que no seu conjunto possibilitaram uma vida saudável às diversas famílias e fundamentalmente, permitiram o crescimento e desenvolvimento harmonioso de dezenas de crianças, valorizando o espaço público e reforçando laços de amizade.

Não se podem esquecer as comemorações conjuntas das Festas Populares no espaço público – a rua, e em competição umas com as outras; não se podem esquecer os jogos na rua; são expressões duma verdadeira vida comunitária.

Não se pode esquecer o significado da valorização do jardim de cada habitação, em salutar concorrência, e do embelezamento das moradias. É igualmente significativa a preocupação pela manutenção do espaço público – a rua, através da limpeza que a maioria dos moradores fazia defronte da sua residência.

Em 50 anos verificaram-se transformações significativas e profundas na nossa sociedade. As características, os valores, os fundamentos sofreram modificações.

Os residentes iniciais envelheceram e alguns faleceram. Iniciou-se gradualmente um processo de transformação do Bairro, tendo desaparecido a componente social.

Novos residentes procuram o Bairro e desenvolve-se a sua valorização económica. As novas exigências habitacionais, as novas tecnologias construtivas, os novos hábitos e gostos conduzem à transformação.

Mantendo a sua essência e os valores de base, a transformação controlada pode contribuir para a vida urbana no Bairro se manter em parâmetros aceitáveis.

Seria interessante que os novos residentes tivessem a capacidade de recuperar características da vivência diária, em vez do Bairro se transformar numa área urbana igual a qualquer outra área da cidade.

ARQ. CARLOS ALBERTO SANTOS GOMES

Ruas e Praças do Bairro

(TOPONÍMIA)



RUA DE ALCÁCER CEGUER

ALCÁCER CEGUER – Cidade situada na costa Marroquina do estreito de Gibraltar, a meio caminho entre Tânger e Ceuta, foi ocupada, em 23 de Outubro de 1458, por D. Afonso V, levando sempre uma vida difícil pela hostilidade dos mouros vizinhos. Com a presença portuguesa em Arzila e Tânger a partir de 1471, a praça viu diminuída a sua já pouca importância. D. João III pensou abandoná-la, em 1532, mas devido à forte oposição da Santa Sé, a evacuação apenas se verificou em 1550.

RUA DE ARZILA

ARZILA – Cidade da costa atlântica do reino de Fez, em Marrocos. Conquistada em 24 de Agosto de 1471 por D. Afonso V, tendo feito parte da expedição o próprio monarca, bem como o príncipe herdeiro.

A sua conquista por D. Afonso V encontra-se celebrada nas famosas tapeçarias de Pastrana.

A defesa de Arzila tornou-se difícil e D. João III abandonou-a em 1550. Em meados de 1557, o alcaide Abde Alquerime, movido por discórdias internas de Marrocos, entregou de novo a praça a Portugal, que serviu para D. Sebastião nela desembarcar a caminho de Alcácer Quibir. Mas Filipe II devolveu-a ao rei de Marrocos em 13 de Setembro de 1589, para que o acordo de auxílio a D. António Prior do Crato não fosse respeitado.

RUA DE AZAMOR

AZAMOR – Cidade da costa atlântica de Marrocos, na foz do rio Um-er-Rebia, a sudoeste de Casablanca, frequentada por pescadores Portugueses. Em 1486, prestaram vassalagem a D. João II, que ali estabeleceu uma feitoria. Mais tarde a presença dos portugueses foi contestada e D. Manuel I decidiu conquistá-la, mas esta expedição fracassou. Em 1513, foi organizada nova expedição, sob o comando do duque de Bragança, que foi bem sucedida. Os mouros abandonaram as povoações mais próximas incluindo as cidades de Almedina e Tite. Esta acção veio trazer dificuldades ao abastecimento desta praça, onde os portugueses ergueram poderosas fortificações. Porém D. João III decidiu alterar a estratégia da presença portuguesa em Marrocos, concentrando todas as forças em Mazagão, o que levou ao abandono de Azamor e Safim, em finais de 1541.

RUA DE BOMBAIM

BOMBAIM – Cidade Indiana, capital do estado de Maharashtra, com cerca de 11 milhões de habitantes, de população essencialmente hindu, compreende grande variedade de grupos étnicos e religiosos: muçulmanos, cristãos, pársis, jainistas, e influentes minorias afegãs, árabes, chinesas, persas e inglesas, erguida originalmente sobre sete ilhéus do Mar Arábico, a partir dos quais se estendeu para terra firme até constituir uma península da ilha Salsette. Está situada no norte da costa ocidental indiana, possuindo o maior porto do país. Conta com edifícios notáveis entre os quais duas universidades, edificadas em 1857 e 1949.

Cedida a Portugal pelo Sultão Bahadur Sha em 1534, foi devolvida em 1661, como parte do dote de Catarina de Bragança, filha do Rei D. João IV, por ocasião do seu casamento com Carlos II de Inglaterra. Em 1668, passou para a Companhia das Índias Ocidentais, que em 1708 a converteu no eixo das suas actividades.

Em virtude de existirem muitos goeses, os arcebispos de Bombaim eram alternadamente de nacionalidade portuguesa e inglesa, situação que acabou após o acordado em 18 de Julho de 1958.

RUA CABO DA BOA ESPERANÇA

CABO DA BOA ESPERANÇA – Situado no Atlântico, extremo do Sul de África, dobrado pela primeira vez, em 1487, pelo navegador português Bartolomeu Dias, que só o descobriu quando o dobrou pela segunda vez, em Maio de 1488, já no regresso da sua aventureira viagem ao longo da costa oriental africana. Esta descoberta foi muito importante para o estabelecido «Plano das Índias» que visava alcançar as terras da pimenta através da travessia marítima, contornando-se o extremo sul de África, onde confluem as águas dos oceanos Atlântico e Índico e que mais tarde se designou Rota do Cabo.

Como o assaltaram violentas tempestades nessas paragens, aquando das suas viagens, Bartolomeu Dias deu ao cabo o nome de Tenebroso, Tormentoso ou das Tormentas, nome que D. João II substituiu pelo de «Boa Esperança», segundo o cronista João de Barros.

PRACETA DE CEILÃO

CEILÃO – Presentemente designa-se por Sri Lanka, ilha situada ao sul da Índia, separada desta pelo estreito de Palque. Tem 65.000 km², e é conhecida pelos indianos por Singhala e pelos eruditos por Tambapani e por Taprobana.

Ceilão possuía sete reinados quando, em 1506, D. Lourenço de Almeida a alcançou. Mas foi a partir de 1518 que os portugueses se estabeleceram, com a edificação de uma fortaleza, por Lopo Soares de Albergaria, no lugar designado por Colombo.

Após várias incursões, em meados do século VII os holandeses conseguiram tomar Ceilão aos portugueses e nos finais do mesmo século os ingleses substituíram os holandeses.

PRAÇA DE CEUTA

CEUTA – Cidade de África de soberania espanhola situada na costa marroquina, no extremo ocidental do estreito de Gibraltar, com 70 mil habitantes.

Foi partindo de Ceuta que os árabes de Tarik se lançaram, em 710, à conquista da Península Ibérica.

A conquista de Ceuta, em 21 de Agosto de 1415, segundo alguns autores, representou o primeiro passo da expansão ultramarina Portuguesa.

No relato do cronista Zurara, foi João Afonso de Alenquer, Vedor da Fazenda, quem a sugeriu, em 1411, a D. João I. A expedição partiu do Tejo, em 25 de Julho de 1415, comandada pessoalmente por D. João I, fazendo parte da mesma o Condestável D. Nuno Álvares Pereira. Um dos primeiros a entrar na cidade foi o Infante D. Henrique.

Ceuta permaneceu espanhola quando as duas coroas se separaram, em 1640, com a Restauração de Portugal, o que foi consagrado pelo tratado de paz firmado pelos dois países ibéricos, em 1668, ao mesmo tempo que se reconhecia a independência de Portugal.

PRACETA DE COCHIM

COCHIM – Capital e porto do Estado de Kerala (Índia), com cerca de 440.000 habitantes, na costa do Malabar. Pedro Álvares Cabral, foi o

primeiro português a alcançar Cochim (1500) onde existia o cristianismo implantado pelos cristãos de S. Tomé.

Foi em Cochim que os portugueses ergueram a primeira fortaleza na Índia. Esta cidade foi a primeira capital administrativa de Portugal na Índia, aos poucos transferida para Goa, após esta ser conquistada por Afonso de Albuquerque.

RUA ILHA DE SANTA HELENA

ILHA DE SANTA HELENA – Ilha do Atlântico Sul, constitui uma colónia Britânica com 122 km², sendo a capital Jamestown, com a altura máxima no Pico Diana a 823 metros.

Foi descoberta pelo navegador português João da Nova, em 21 de Maio de 1502, no seu regresso da Índia. A sua estratégica situação no Atlântico, a 1850 km da costa ocidental de África, e a 1290 km da ilha de Ascensão, converteu-a num importante centro de escala para as naus portuguesas que regressavam do Oriente. Em 1595, caiu na posse dos holandeses tornando-se definitivamente inglesa a partir de 1673. Celebrizou-se por nela ter sido o cativo de Napoleão I, imperador de França, após a sua definitiva derrota em Waterloo (1815) até à sua morte (1821).

RUA ILHA DE SÃO LOURENÇO

ILHA DE SÃO LOURENÇO – Nome primitivo dado pelos portugueses à actual Ilha de Madagáscar, descoberta por Diogo Dias em 1500. Esta grande ilha do oceano Índico é a Quarta maior ilha do mundo, estando separada da costa de África pelo canal de Moçambique.

Foi ocupada por ingleses e franceses no século XVII com intenções comerciais. Em 1942, os ingleses que ocuparam Diego Suarez e uma das ilhas Comores, transferiram a administração de Madagáscar para o Governo da França livre. Em 1958, realizou-se um referendo que levou à sua independência e à formação da República Malgaxe.

RUA DAS ILHAS MALDIVAS

ILHAS MALDIVAS – Arquipélago do Oceano Índico, constituído pelas ilhas de Male, Addu, Suvadiva, etc, no sudoeste da Ásia, com 300 km², falando-se cingalês e inglês. Cultivam-se coqueiros, milho, fruta, etc. Submetido à Inglaterra desde 1887, obteve independência em 1965.

RUA ILHA FORMOSA

ILHA FORMOSA – Ilha entre o Oceano Pacífico, o Mar da China e a Coreia, hoje designada Taiwan. Esta ilha é conhecida dos chineses desde a antiguidade e

já no século VII enviavam expedições para lá, assim como os japoneses no século XII. Contudo, foram os chineses os primeiros a iniciar a colonização em grande escala a partir do Século XV.

Em 1590, chegaram os portugueses que lhe deram o nome de Formosa e, posteriormente, os espanhóis, expulsos pelos holandeses em 1624, tendo estes últimos sofrido igual tratamento por parte do chefe Coxinga, em 1662. Este havia fugido dos invasores Manchus, que depuseram a dinastia Ming, tornando-se rei e fazendo-se suceder pelo seu filho. Contudo os Manchus conquistaram também a ilha que permaneceu dentro do Império Chinês até 1895, data a partir da qual passou para o poder japonês ao abrigo do tratado de Shimonoséki. No fim da segunda Guerra Mundial, a China voltou a administrar a Formosa, onde em 1949 se refugiou o governo nacionalista chinês.

RUA DE MAZAGÃO

MAZAGÃO – Cidade atlântica de Marrocos actualmente denominada El-Jadia, foi fundada pelos portugueses em 1502. Ali trabalhou o arquitecto João de Castilho. Foi dotada de uma fortaleza

cujas construções se iniciou em 1514, por Diogo e Francisco de Arruda.

Em 1541, D. João III mandou robustece-la com poderosas muralhas. Depois do abandono de Azamor e de Safim, ficou sendo Mazagão a única fortaleza portuguesa na costa meridional de Marrocos.

Ficou célebre o cerco a Mazagão em 1562, que resistiu durante dois meses a um poderoso exército mouro. Em 1768 novo cerco; o Marquês de Pombal, entendendo que a posse desta praça não justificava os sacrifícios que impunha, ordenou que fosse abandonada em 1769. Os portugueses lá residentes, após algum tempo de permanência na metrópole, foram enviados para o Brasil, onde ergueram Nova Mazagão.

Mazagão conserva ainda valiosos testemunhos da presença portuguesa, entre os quais as muralhas, o fosso, a cisterna e a Igreja de N.ª Sr.ª da Assunção.

RUA DE ORMUZ

ORMUZ – Ilha situada à entrada do Golfo Pérsico, comunicando com o Mar da Arábia. Posicionada no cruzamento de importantes linhas marítimas e terrestres, chegou a ser cidade de rico tráfico e, ao mesmo tempo, ocupando uma situação estratégica ímpar na zona. Afonso de Albuquerque, apercebendo-se desta situação geográfica privilegiada, resolveu tomá-la para assegurar o domínio das

vias marítimas do Índico. Conquistou Ormuz, em 1507, obrigando o rei a um tributo anual mais a autorização para erguer a fortaleza. Mas apenas em 1515, quando o governador concluiu a obra de fortificá-la, se firmou bem a presença portuguesa em Ormuz.

No entanto, este protectorado português em Ormuz terminaria em 1622, não obstante a resistência de Rui Freire de Andrade, com a tomada da ilha pelos ingleses aliados dos persas.

RUA DE QUILOA

QUILOA – Cidade marítima situada na costa oriental de África, fazendo parte no Século XV, assim como todos os portos do Índico africano a norte de Sofala, do tráfico marítimo de ouro, marfim, âmbar, ébano e escravos, controlado pelos muçulmanos. Vasco da Gama, na sua segunda viagem à Índia, em 1502, utilizando a artilharia estrondosamente, fez com que o rei muçulmano de Quiloa, Habrahemo, ficasse vassalo do rei D. Manuel I, mediante o pagamento de 580 cruzados. Trouxe ainda o ouro necessário para edificação do Mosteiro dos Jerónimos. Foi, no entanto, D. Lourenço de Almeida, que por ordem do seu pai, D. Francisco de Almeida, em 1505, conquistou Quiloa e colocou no poder outro rei favorável à política portuguesa. Edificou-se então uma fortaleza com guarnição e frota de apoio. Sete anos depois, os portugueses abandonaram Quiloa. Presentemente faz parte da Tanzânia.

RUA RIO DA PRATA

RIO DA PRATA

Rio Uruguai (significa Rio das Aves) – nasce na serra do Mar, no Estado de Santa Catarina, no Brasil, com o nome do rio Pelotas, que conserva até à foz do rio Canoas, onde toma o nome de Uruguai; separa os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e, este último, da Argentina.

Recebe o tributo de numerosos rios, e une-se com o Paraná para formar o Rio da Prata.

Rio Paraguai – nasce no planalto do Mato Grosso, constitui parte das fronteiras Brasil – Paraguai e Paraguai – Argentina e desagua no Rio Paraná.

Rio Paraná – É o segundo maior rio do continente americano, com um curso aproximado de 4390 km. É formado pela junção das duas grandes correntes dos rios Grande e Paranaíba, na confluência dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Os seus principais afluentes da margem esquerda são o Tietê, Paranapanema, Ivaí, Paquiri, Iguaçu e, já no

estuário da Prata, o Uruguai; na margem direita, destacam-se o Paraguai e o Salado.

Apresenta várias quedas de água, algumas de altura considerável, como as de Urubupunga e, junto à fronteira com o Paraguai, o famoso Salto das Sete Quedas.

Separa no Brasil os Estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul e Paraná, este último da República do Paraguai, atravessa também este País e a Argentina onde recebe os rios Paraguai e Uruguai, formando um largo estuário com cerca de 35.000 km² (estuário da Prata), que banha Buenos Aires e Montevidéu e desagua no Atlântico, com o nome Rio da Prata. A sua foz tem 230 km de largura.

RUA RIO DO INFANTE

RIO DO INFANTE – Nome pelo qual ficou conhecido o rio também chamado de rio das Vacas, situado cerca de quinze léguas acima dos Ilhéus Chãos, na costa que leva ao Cabo da Boa Esperança. Recebeu este nome por ter sido João Infante, comandante de uma caravela da expedição de Bartolomeu Dias, em 1488, o primeiro que ali desembarcou.

RUA DE SAFIM

SAFIM – Cidade de Marrocos no litoral mediterrânico, conquistada por Diogo de Azambuja, em 1508, por ordem do rei D. Manuel I. O capitão de Safim, Nuno de Mascarenhas, mandou em 1519, construir uma fortaleza, que foi abandonada em 1542 pelos portugueses, por ordem de D. João III. Safim chegou a constituir diocese, mas o único Bispo que permaneceu na cidade foi D. João Subtil, capelão de D. Manuel I.

RUA SÃO JORGE DA MINA

SÃO JORGE DA MINA – A costa da Mina, situada na costa ocidental de África, foi descoberta em 1471 pelos navegadores portugueses João de Santarém e Pêro Escobar.

Para defesa do próspero comércio aurífero da Costa da Mina, D. João II, mandou erguer na região um castelo a que foi dado o nome de S. Jorge, pela devoção que o referido rei tinha a esse santo. A missão foi entregue a Diogo de Azambuja, que partiu em finais de 1481 com uma armada que transportava pe-

dra lavrada, telha, madeira, quinhentos soldados e cem oficiais, tendo como objectivo erguer o castelo, concluído em 1482.

Apesar de algumas pelepas com os nativos, Diogo de Azambuja, foi o seu primeiro capitão, por dois a nos e sete meses, deixando em bom funcionamento comércio e a defesa. Depois, o cargo passou a ser de três anos, e desempenharam-no grandes homens como, por exemplo, Duarte Pacheco Pereira em 1520. As cartas que nomeavam os capitães atribuíam-lhes larga alçada e apertadas normas jurídicas para regular o comércio e evitar o contrabando de ouro. Depois de uma primeira tentativa holandesa de tomada do castelo (1596), só o viriam a conseguir em 1637, após 155 anos de permanência portuguesa na Mina, tendo ocupado a mais importante fortaleza lusa na África ocidental, e logo dela fizeram quartel-general para dominarem o Golfo da Guiné. Acabaram, porém, por perdê-la em 1872, para a Inglaterra.

RUA DE TÂNGER

TÂNGER – Cidade de Marrocos, na baía homónima a 56 Km a sudoeste de Gibraltar, com 385.000 habitantes. O seu excelente porto era, antes do desenvolvimento de Casablanca e Rabat o melhor de Marrocos. D. Henrique e D. Fernando convenceram o seu irmão, o rei D. Duarte, a lançar uma expedição à cidade de Tânger. Iniciativa

promovida em 20 de Setembro de 1437, que se revelou trágica para Portugal. D. Fernando ficou cativo dos mouros, como garantia da entrega de Ceuta.

D. Afonso V renovou a expedição vitoriosamente em 29 de Agosto de 1471. Tânger manteve-se portuguesa até 23 de Junho de 1661, data em que, ao negociar-se o dote da infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II, passou para a Coroa Inglesa.

RUA DAS TERRAS DOS CÔRTE REAIS

TERRAS DOS CÔRTE REAIS – Dois irmãos com este apelido, alcançaram celebridade por ao mais novo, Gaspar Côrte Real, ser atribuída a descoberta da Terra Nova inicialmente denominada Terra dos Côrte Real. Não voltou da segunda viagem marítima feita àquelas terras, em 1501. Tendo como objectivo encontrar o irmão desaparecido, Miguel Corte Real, partiu de Lisboa a 10 de Maio de 1502, com três naus. Igualmente Miguel desapareceu, voltando os companheiros a Lisboa. Dois anos depois, Vasco Eanes Côrte Real pretendeu ir em busca dos irmãos desaparecidos, mas D. Manuel não autorizou.

O historiador americano Edmundo Delabasse disse ter encontrado na foz do rio Tauntou; Providence, EUA, uma inscrição gravada num rochedo a documentar a presença do navegador Miguel Corte Real, em 1511. A legenda «Miguel Corte Real V Dei hic dux ind ad 1511», passou a ser interpretada como este navegador, ter sido vítima de naufrágio. A sua altiva presença terá impressionado os indígenas que logo o tomaram por chefe, tal constituindo o mistério da «pedra Dightou».

Os três irmãos atrás citados, eram filhos de João Vaz Côrte Real, capitão donatário de Angra, o qual por volta de 1473/74, efectuara viagens, no Atlântico setentrional, dando-o Sophus Lar sem (escritor nórdico) como descobridor da América vinte anos antes de Colombo, integrado numa expedição dinamarquesa.

RUA DE VERA CRUZ

VERA CRUZ – Terra de Vera Cruz; foi a designação dada por Pedro Álvares Cabral ao Brasil, em virtude da constelação astral do Cruzeiro do Sul, no hemisfério sul, na altura da sua descoberta.. Foi este o nome da Cruz encontrada por Santa Helena, facto comemorado pela liturgia a 3 de Maio, dia em que a Armada portuguesa retomou o rumo ao Cabo da Boa Esperança, após dez dias de permanência na nova possessão da Coroa Portuguesa. D. Manuel I, ao comunicar o evento aos reis católicos alterou a designação para Terra de Santa Cruz. A nova terra tomou ainda os nomes de Terra dos Papagaios, Terra do Verzino e Brasil, nome que predominou a partir de 1514.

BIBLIOGRAFIA

- Dicionário Lello & Irmão
- Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube
- História de Portugal – Oliveira Martins
- História de Portugal – Veríssimo Serrão
- Enciclopédia Geográfica – Selecções do Reader's Digest

Histórias
e
Poemas

(INTERLÚDIO)



PEQUENA HISTÓRIA

Tenho uma pequena história que talvez sirva para ilustrar, não só a forma como nos divertíamos, mas também como inocentes brincadeiras eram reprimidas.

Tive um professor na terceira classe a quem chamávamos o «Cabeça de Grilo» e cujo nome para dizer a verdade não sei.

Ao fim da tarde, quando acabava a escola, íamos para casa cheios de vontade de ter as nossas brincadeiras, como era normal. Mas, se o «Cabeça de Grilo» nos via na rua, no dia seguinte ficávamos debaixo da sua atenção especial. Então escondíamo-nos, com as cabecitas espreitando por detrás das vedações dos nossos jardins e assim que ele entrava no autocarro aí estávamos nós na rua.

Uma das brincadeiras que na altura tínhamos, era fazer corridas em carros de rodas de esferas, que nós próprios construíamos.

Nessa altura a rua de Vera Cruz, onde morava, era uma rua onde só passavam praticamente os autocarros da carreira, pois não me lembro de morar lá alguém que tivesse carro (passavam também por lá o carro da escola de condução onde andava a aprender uma loira tipo Marilyn, que nos fazia parar as brincadeiras só para a admirar, embora só pelo tempo da passagem).

Bom! Um belo dia estava eu e se não me engano o Jorge Durães, a descer a rua no nosso carrinho de esferas, quando, ao virar da esquina, aparece a patrulha da GNR. Começámos a fugir e reparámos como horror que atrás de nós corria também o «cara de menina», nome pelo qual conhecíamos este GNR, e que para nosso pesadelo não deixava de o fazer. Escondi-me em casa todo urinado e daí a pouco o cara de menina batia à porta, levava o carrinho e passados dias chamara o meu pai ao posto, onde me partiram o carro e fizeram as ameaças tendentes a evitar a repetição deste crime tão horrendo.

CARLOS CANHÃO

O SENTIMENTO HUMANO

*Eu canto para não chorar
E choro de não poder rir
Falar da vida passada
Nunca mais eu quero ouvir*

*Não se chora só de mágoa
Não se ri só de alegria
Quantas vezes a gente canta
Com uma vida vazia*

*Os olhos dão o sinal
De quanto sofre o coração
Eles só se manifestam
Quando há ocasião*

*Muitas vezes a tristeza
Zomba da felicidade
Porque o presente vazia
Perdeu a capacidade*

*O sentimento humano
É muito mau de entender
Uns choram de felicidade
Outros cantam a sofrer*

PINHA

MEMÓRIAS DO «MATA-O-JUDAS»

É manhã de Sexta-feira de Paixão, e no altinho da Quinta da Regateira começa a azáfama de se fazer o Judas.

A criançada do local e a do Bairro, tentam trazer de casa, algumas peças de roupa que os pais pensam já não ser utilizadas pelos filhos mais novos ou pelo próprio pai.

Nos quintais e terrenos circundantes, as crianças arrancam braçadas de palha.

Com a ajuda e instruções das gentes mais velhas, vão confeccionando o boneco, que vão enchendo de palha e vestindo-o com as roupas que arranjaram.

É noite de Sexta-feira de Paixão, o boneco em tamanho natural, está pronto, é hora de o focar na oliveira existente frente à casa do Ti Arnaldo.

Pela calada da noite, alguém coloca no boneco Judas, um papel com o nome de um conhecido, de quem os habitantes do local, nesse ano, tenham alguma razão de queixa.

É Sábado de Aleluia, manhã cedo, todas as crianças, das redondezas, se vão dirigindo até junto da oliveira, onde o judas está dependurado por uma corda, com um laço corredio à volta do pescoço.

Próximo das onze horas, um dos adultos, lança fogo ao Judas, que acto contínuo é apeado da oliveira. Logo um dos miúdos agarra a corda que prende o pescoço do Judas e começa a correr, arrastando o boneco em chamas.

Toda a criançada, tendo na mão varas de madeira, que já tinham preparadas de véspera, vai correndo atrás do Judas, gritando – «Mata-o-Judas» – «Mata-o-Judas», e batendo-lhe com as varas.

O cortejo sempre em correria e gritaria, sai pelo Altinho em direcção ao Bairro, pela Rua Alcácer Ceguer até às ruas de Azamor e de Safim. Faz diversos círculos no terreno baldio atrás da capela do Bairro, e desce pela Rua de Tânger até à actual Praça de Ceuta, subindo agora a Rua Alcácer Ceguer e passando pela Quinta da Regateira vai até ao Altinho, onde já só chega a corda e algum farrapo do que foi o Judas.

Para o ano, lá estarão novamente as crianças junto à oliveira, se entretanto os adultos, não acharem que é um evento demasiado radical e pouco inteligente para as crianças, e lhes arranjam um mais calmo e inteligente, como por exemplo, sentando num sofá a comer «bolicaus» e a verem o «Master Man» na TV.

O evento era mesmo radical, pois como se deve calcular, todo o percurso, tinha de ser feito em passo de corrida acelerada, para que o boneco Judas não ardesse totalmente, antes de se chegar ao Altinho, e não se desfizesse, com as pancadas que as crianças lhe iam dando com as varas.

O miúdo que puxava a corda com o Judas preso, tinha que correr mais que a grande maioria dos outros, para que não batessem de mais no boneco Judas, o que provocaria o desfazer do Judas mais rapidamente.

O Ti Arnaldo, a sua casa, o Altinho e a Quinta da Regateira, já não existem, só saudades.

A oliveira em frente à casa do Ti Arnaldo, ainda lá está, para que as memórias não morram.

LUÍS SILVA DA COSTA NEVES

NO MEU OLHAR

*No meu olhar tudo se confunde
é esta amálgama indecifrável
que me tortura e me afunda*

*olho nos olhos o espelho
e vejo a nudez desta carne
uma carne gorda e slácida*

*mas que importa a carne
se é no espelho que o meu olhar tem alma
que flutua
que se encontra.*

*É no espelho que vejo a essência de mim
que reparo nas minhas mãos
frágeis
doces
mas expressivas.*

*É no espelho que me amo
que me anulo e recrio
É na fragilidade do espelho
que me acho grande
sem tempo
com uma imparável memória
com uma inconfundível criatividade*

*É num fragmento de espelho que me imponho
É na interioridade dos meus olhos
que digo*

Existo!

LOURDES SÉRIO
13.01-2002

NEVE NO BAIRRO – FEVEREIRO DE 1954

Quando em Setembro de 1953, tomei posse da moradia que me foi atribuída, na Rua de Azamor, 24, no nosso Bairro, não estava à espera que uns meses depois, no princípio de 1954, ao sair de casa, assistir ao melhor espectáculo jamais visto por mim, minha mulher e meus filhos.

Tinha caído um nevão, e todo o Bairro estava branco, e muito bonito.

De repente, miúdos e adultos vieram para as ruas, arremessar a neve uns aos outros, a correr e darem a sua escorregadela, foi lindo.

A neve começou a cair ao fim da manhã e toda a criançada saiu da escola e começou a brincar nas ruas e quintais, e pela primeira vez nas suas vidas, com a neve.

Enquanto uns faziam bolas e as atiravam uns aos outros, outros faziam bonecos.

Outros escorregavam sobre os calções. Outros mais crescidinhos arranjaram tábuas e eis que começa o campeonato de descida na neve.

A partida era na Rua das Terras dos Cortes Reais e desciam pela Rua de Azamor, passando pela actual Praça de Ceuta, que na época não existia, pois não haviam habitações no local, continuavam pela Rua Rio do Infante, e alguns paravam na Rua do Cabo da Boa Esperança, frente à «mercearia do Manel», outros continuavam pela Rua José Ferreira Jorge, até à Avenida da Fundação, parando junto à Escola das Meninas.

E o ciclo da descida na neve, prosseguia, fazendo-se novamente toda a subida do Bairro, com a tábua debaixo do braço até à Rua das Terras dos Cortes Reais.

Já lá vão uns bons anos, e ainda tenho presente esse dia.

RAÚL FROIS RODRIGUES

EMIGRANTE

*Emigrante
tenho sido
dentro do meu país,
caminhando,
lado a lado,
traçada de um sonho pelo acaso
com tudo o que me foi dado.*

*Trouxe marido e meus filhos
com a esperança no alvor
a fé
de bandeira içada
no coração
de mãos dadas
no amor.*

*Mas,
quando aqui cheguei
chorei.
Não conhecia ninguém
mas foi aqui
sem saber
que conheci o mal e o bem.*

*Comecei
por procurar
com este povo, nesta terra
como tudo começou
seus costumes
suas lendas
e tudo o que nela encerra.*

*Fechei
meus olhos e vi
além de mar; as suas terras
horizontes
de outros sóis
caminhando devagar
gente embrulhada em lençóis.*

*E assim
vieram andando
Fenícios, Romanos, Árabes
cambaleando
e andando no seu andar
a cruz
prometendo o seu chegar.*

*Aqui
chegaram cansados
no coração
um grande amor
e vontade de crescerem
construindo
para nesta terra vencerem.*

*Começaram
a desbravar e criar
fazendo enxadas, arados
com seu saber
argamassa cal e pedra
com seu martelo
construíram um castelo.*

*Baixei
meus olhos e vi
a terra
já não estava desbravada
o seu verde belo verde
das chaminés
o seu fumo fumegava.*

*Mas eis
que vieram de perto
com vontade de roubar
seu coração
seu amor
com um laço de traição
para o castelo cercar.*

*Então povo
povo meu
que fome e sede passaste
mas
sofrendo de mãos dadas
com alma torturada
venceste e não te entregaste.*

*O vento
soprou do norte
embalou até ao centro
com a espada
cintilante e empunhada
trouxe de braços dados
a amizade e força dos aliados.*

*O cerco
foi levantado
os castelhanos fugiram
rio abaixo espavoridos
cabisbaixos
mas convencidos
os portugueses nunca serão vencidos.*

*O povo
de novo voltou ao monte
de mãos erguidas ao céu
dos seus olhos
as lágrimas correndo
em fervorosa oração
ditada pelo coração.*

*Mais um pouco
cheiron a fumo
era o fogo
e o crepitar no seu brasido
lá vão eles a correr
apagando, limpando
o que o fogo tinha trazido.*

*Fui
dar uma volta e vi
a terra com seus buracos
dentro deles
o retrato de outros sóis
desses povos
que vieram embrulhados em lençóis.*

*À noitinha
fui a uma janela
tanta casa vi
tanta, tanta luzinha
é Almada
que continua com a força
da sua raiz plantada.*

*Raízes
que nascem nas beiras do asfalto
e que por vezes vejo queimar
mas
não morrem, renascem
ainda com mais força
e fazem Almada continuar.*

*Depois
pensei em ti, minha terra
que me deste o berço
tirado
de uma árvore florida
mas foi aqui que cresci
e compreendi a realidade da vida.*

*Foi aqui
que senti a extensão da dor
foi aqui
junto deste povo
que vi melhor a cor da saudade
que conheci
a grandeza do amor.*

MARIA FARROBILHA

As Nossas Gentes
do Bairro



Alfredo Castanheira Martins Galego

Nasceu no Pragal, Almada, em 28 de Agosto de 1953 e veio viver para o bairro N.ª Sr.ª da Piedade quando tinha seis anos de idade de onde saiu, para casar, com vinte e quatro anos. Os seus pais ainda hoje residem no bairro que o acolheu durante aqueles anos.

Iniciou-se, com dezassete anos, na modalidade de Pugilismo no Ginásio Clube do Sul onde apenas permaneceu durante um ano, pois transitou para o Sporting Clube de Portugal, pelo qual, integrado numa equipa, conseguiu bons resultados: obteve três vezes o título de campeão regional (em 1976, 1977 e 1978) e em 1977 e 1978 conquistou o título de campeão nacional. Seguidamente, transferiu-se para o Clube de Futebol Os Belenenses que representou durante um ano tendo participado nalguns combates. Deixou este clube para representar o Vitória Clube de Lisboa onde conquistou simultaneamente os títulos de campeão regional e nacional, em 1982 e 1985.

Ao longo da sua carreira registam-se 125 combates e 45 internacionalizações, tendo representado o nosso país em vários torneios no estrangeiro (Espanha, França, Roménia, na ex-União Soviética, etc.). Destaca-se a sua participação, em Abril de 1980, no evento «Cinturões de Ouro», realizado na Roménia.

Em Espanha, conquistou vários troféus e, pelo prestígio e mérito alcançado neste país, a Federação Espanhola de Pugilismo ofereceu-lhe as luvas que mais tarde veio a utilizar nos combates integrados no torneio Lusíada. Venceu o torneio Lusíada em 1982, tendo sido considerado o melhor atleta de entre os vários países representados.

No final da sua carreira desportiva tirou o curso de treinador.

Aurélio da Silva e Pinho

Natural de Pardilhó, aldeia junto à Ria de Aveiro, pertencente ao concelho de Estarreja, o Maestro Aurélio Pinho «sofreu» durante a sua infância a benéfica influência não só do seu meio familiar mais íntimo, onde a música e o seu culto tinham lugar de destaque, como também de grande actividade artística que na época fervilhava nas pequenas aldeias do País. Após os primeiros passos musicais dados na Filarmónica da sua terra, aparece em público, já como solista, com cerca de sete anos de Idade.

A altura da incorporação militar desvia o Maestro da zona onde nasceu para outros meios onde a vida artística tinha outra dimensão. Assim, ingressou nas fileiras do Exército para cumprir o serviço militar obrigatório, mantendo

sempre contados musicais com agrupamentos que, na altura, proliferavam no País.

Mais tarde, e por aprovação em concurso público, ingressa na Banda de Música da Armada, onde teve o posto de 2.º Sargento.

Em 1957, com a criação da Banda de Música da Força Aérea, concorre ao posto de 1.º e Sargento, tendo obtido a mais alta classificação deste concurso.

No entanto, dá a sua colaboração a diversos agrupamentos artísticos, à Orquestra Filarmónica de Lisboa e à então Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional. É nesta última que se fixa e desenvolve a sua carreira de executante, simultaneamente com a sua actividade profissional na Banda de Música da Força Aérea.

Na década de 60 dirigindo diversas Filarmónicas, obtém assinaláveis índices de valor artístico quer em apresentações no País, quer ainda em actuações no Estrangeiro.

Na sua formação musical de nível superior tem lugar destacado o Maestro Capitão Custódio Rodrigues Gouveia com quem iniciou o estudo da Harmonia e Instrumentação e, mais tarde, o Maestro Major Lourenço Alves Ribeiro, com quem fez o equivalente ao Curso Superior de Composição do Conservatório Nacional de Música.

Em 1965, por aprovação em concurso, é promovido ao posto de Alferes, ficando desde então como Chefe da Banda de Música da Força Aérea, funções que desempenhou sucessivamente nos postos de Tenente e Capitão, até que em Janeiro de 1979, é promovido a Major, assumindo assim a Superintendência da Banda de Música e das Fanfarras da Força Aérea.

Da sua actividade musical ressalta, para além dos inúmeros concertos dirigidos no País e no Estrangeiro (Espanha, Bélgica, Alemanha, etc.), a sua produção ao nível de composição. Algumas Marchas Militares, Hinos de Colectividades de Cultura e Recreio, o Indicativo dos III Jogos Luso-Brasileiros de 1966 são da sua autoria, sendo também o autor das Marchas da Academia da Força Aérea e de O Especialista da FAP. Em suma, uma vida de constante dedicação à Arte Musical, um aprender longo e duramente vivido e acima de tudo um saber de experiência feito.

Carlos Alberto Marques Machado dos Santos

Nasceu em 7 de Maio de 1943, assentou praça na Armada, como cadete da Escola Naval, em Outubro de 1960. Foi promovido a oficial em Janeiro de 1964, embarcando como navegador no Navio-Escola Sagres, onde participou na regata de grandes veleiros entre Lisboa, Bermudas e Esta dos Unidos da América. Frequentou depois o curso de especialização em Armas Submarinas e, em Outubro de 1965,

entrou para a Esquadilha de Submarinos, onde se especializou nos submarinos da classe «Naval» e, a partir de Janeiro de 1967, em França, nos submarinos da classe «Daphne».

Fez parte da guarnição do submarino português dessa classe, o «Albacora», onde permaneceu até final da sua grande beneficiação, igualmente efectuada em França e terminada em Outubro de 1971. Deixou a Esquadilha de Submarinos em Outubro de 1973 e ingressando no Instituto Hidrográfico para a frequência do curso de Engenheiro Hidrógrafo, para o qual havia sido seleccionado após concurso efectuado meses antes. Foi promovido a oficial superior (Capitão-Tenente) em Janeiro de 1974.

Foi aproximadamente nessa ocasião que teve conhecimento das reivindicações de carácter corporativo que despontaram no seio dos seus camaradas do exército, tentando sobre elas manter-se informado e transmitindo-lhes o seu apoio através das estruturas associativas existentes na Armada – Clube Militar, Naval – e não só. Fez, assim, parte de um número restrito de oficiais da Marinha que se encontravam ao corrente do descontentamento que grassava no seio do exército, em relação não apenas às carreiras dos oficiais dos quadros permanentes, como a outros factos sociais e políticos, o próprio questionamento da guerra colonial entre eles.

Quando a 25 de Abril de 1974, encontrava-se colocado no Instituto Hidrográfico, onde cumpria a sua preparação para a frequência do curso de Engenheiro Hidrógrafo, em Paris. Colocou-se de imediato do lado dos «revoltosos», tendo-se apresentado no próprio dia à Comissão Coordenadora do Movimento das Forças Armadas.

No dia 26 de Abril foi designado pela junta de Salvação Nacional para em companhia do Major José Maria Azevedo, proceder à libertação dos presos políticos da prisão do Forte de Peniche, que se processou sem incidentes no decorrer da madrugada de 26 para 27 de Abril.

Entre esta data e a sua partida para França, em Agosto de 1974, colaborou activamente com as estruturas do MFA, desde a participação em Assembleias, como junto da Comissão Coordenadora e da Junta de Salvação Nacional, ora como delegado desta em instituições entretanto intervencionadas, ora como coordenador da tarefa de reabilitação cívica dos ex-presos políticos. Entretanto, retomou a preparação para o curso para que estava nomeado, tendo-o frequentado, com aproveitamento, durante os dois anos para ele previstos na «École Nationale Supérieure de Techniques Avancées», reputada «Grande École» da engenharia francesa. Durante a sua permanência em Paris teve a ocasião de participar em várias sessões de debate e esclarecimento sobre a situação então a viver-se em Portugal, ora como representante do MFA, ora como convidado por associações de portugueses radicados em França.

Embora ausente do país, pelos motivos acima indicados, durante os acontecimentos que determinaram o 25 de Novembro de 1975, a contra-revolução, através da hierarquia da marinha, não lhe perdoou e retaliou na primeira ocasião. Terminado o curso em Paris em Agosto de 1976, foi presente a Conselho Superior de Disciplina da Armada em Outubro desse ano, com o objectivo determinado de que fosse passado à reserva compulsivamente. No entanto, os então membros daquele Conselho, Almirantes isentos, não cumpriram com o augurado pela hierarquia da Marinha, absolvendo-o das acusações de que era alvo. O Chefe do Estado Maior da Armada (CEMA), não ficando satisfeito com aquela decisão, aplicou-lhe 25 dias de prisão disciplinar agravada, dos quais cumpriu 20 no presídio militar da Trafaria, tendo sido amnistiado ao fim desse tempo.

Posteriormente, frequentou os estágios previstos para a conclusão do curso de Engenheiro Hidrógrafo, em Portugal e em França, durante seis meses, ao fim dos quais lhe foi outorgado o respectivo diploma. Porém, nunca mais lhe foi facultado o regresso à instituição onde, naturalmente, deveria prosseguir a sua carreira técnica e militar: O Instituto Hidrográfico. Como também não lhe foi proporcionada a sua ascensão Hierárquica, tendo-lhe sido sistematicamente vedada a promoção a Capitão de Fragata, com base em argumentos falaciosos e arbitrários suportados através do Conselho Superior da Armada. Dessa decisão, que persistiu, houve recursos para os Supremos Tribunais Militar e Administrativo, tendo este a dar sistematicamente razão ao recorrente, sem que os sucessivos CEMA tenham cumprido os acórdãos daquele Tribunal, numa persistência paranoica que se vem arrastando há cerca de 17 anos.

Entretanto, saturado pela perseguição movida e consternado pelo ambiente de desconfiança vivido então na marinha, solicitou a sua passagem à reserva em 1985, que lhe foi concedida de imediato e com aparente alívio por parte dos percutores. Entretanto, havia prestado serviço em instituições que se não adequavam à preparação técnica que obtivera, e sempre em cargos de menor importância e responsabilidade, na Direcção-Geral da Marinha e no Arsenal do Alfeite.

Passou à situação de reserva em Outubro de 1985 e, por imperativo legal, à situação de reforma em Outubro de 1993 tendo, desde aquela primeira data, mantido a sua actividade profissional como engenheiro civil hidrógrafo, em várias empresas e, como consultor, em instituições públicas e privadas.

Habita no Bairro desde 1984, ocasião em que se casou com Maria Isabel Nunes Pires Gomes, esta sim sua habitação de origem. Têm um filho de 16 anos que frequenta o 10.º ano na Escola Secundária Anselmo de Andrade, tendo antes frequentado a Escola Primária do Bairro (N.º 3), como já acontecera com sua mãe.

Tem participado na vida associativa do local onde vive (Cova da Piedade), como membro da Direcção da SFUAP, durante 10 anos e dos corpos sociais da AIPICA, onde foi presidente da Direcção em dois mandatos e é actualmente

presidente da mesa da Assembleia Geral. Além disso, é sócio da A.H.B.V. Cacilhas e sócio fundador da Associação 25 de Abril. Continua a ser sócio do Clube Militar Naval e do Clube Náutico dos Oficiais e Cadetes da Armada, associações restritas aos oficiais dos quadros permanentes da Marinha de Guerra e nas quais, em tempo passado, pertenceu aos corpos gerentes. É militante do Partido Comunista Português, ao qual aderiu formalmente na data da sua passagem à reserva da Armada, militando na célula da AIPICA da Comissão Concelhia de Almada.

Ao abrigo da Lei 43/99, que visava a reconstituição das carreiras dos militares que tendo participado na revolução foram posteriormente prejudicados na sua progressão pelo novo poder, foi promovido finalmente no dia 26 de Abril de 2002, ao Posto de Capitão de Mar e Guerra, com efeitos no entanto a partir de Agosto de 1989.

Carlos Canhão

Nasceu em Lisboa no dia 8 de Dezembro de 1944 em S. Sebastião da Pedreira, Lisboa.

Nos anos 1977/78 frequentou na S.N.B.A., um curso de pintura subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e orientado pelo pintor Joaquim Rodrigo. Posteriormente e ainda na S.N.B.A. frequentou as aulas de desenho orientado pela pintora Alice Jorge. Em 1979 funda com alguns amigos o grupo *Mistura* com os quais participa em várias exposições.

Em 1982 é sócio fundador da Imagem (Associação de Artistas Plásticos do Conselho de Almada).

Em 1988 frequentou as aulas de cerâmica do ARCO onde participou em *works shops* com Alice Favre da École des Arts Décoratifs, Geneve, Bill Farrel, School Art Institut of Chicago e Cristino Quirino do Brasil.

Representado no Museu Municipal de Almada, nas Câmara Municipal de Aljezur, Vila Franca de Xira, Sobral de Monte Agraço e nas juntas de freguesia de Cova da Piedade, Almada, Cacilhas, Pragal, Aljezur, Bordeira e Odeceixe e em várias instituições públicas e privadas, com trabalhos de cerâmica e pintura fazendo parte de colecções nacionais e estrangeiras.

Sempre ligado à pintura tem realizado outros trabalhos, como capas e ilustrações para livros, cenários e cartazes.

Tem representado a CMA nos corsos carnavalescos 1999, 2000, 2001 e 2002 como membro do júri.

Desde o ano lectivo de 1999/2000 até ao presente tem orientado os atelieres de pintura no Externato Frei Luis de Sousa integrados na escola de avós que aí funciona.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS:

- 1983 – «Viagem ao País da Infância» (Pragal – Almada).
 1984 – «Viagem ao País da Infância» (Feijó).
 1985 – «Amigos de Baco» Palácio Anjos – Algés; Camarim (Lisboa); Tepclima (Lisboa).
 1986 – Estalagem de S. Filipe (Setúbal); Restaurante Alvorada (Vila Nogueira de Azeitão); Codilivro (Benfica).
 1987 – «Portais, Varandas e Gradeamentos» (Almada); Restaurante Escorial (Lisboa); Codilivro (Benfica); «Comemorações do 12.º Aniversário da FNAC» (Lisboa).
 1988 – «Comemorações do 60.º Aniversário da Junta de Freguesia da Cova da Piedade» (Cova da Piedade); Clube do Sargento da Armada (Delegação – Feijó); Clube do Sargento da Armada (Sede – Lisboa).
 1994 – Lançamento do livro CHAFARIZES de ALMADA em co-autoria com o Dr. Alexandre Flores que deu origem à exposição com o mesmo nome realizada na Oficina da Cultura de Almada
 1995 – «Aljezur em aguarelas» (Galeria Municipal – Aljezur).
 1997 – «Embarcações...» (Núcleo Museológico da escola António José Gomes – Cova da Piedade); «Embarcações...» (Museu de Arte Sacra – Alcochete); «Embarcações...» (Galeria Municipal – Sobral de Monte Agraço).
 1998 – «Barcos do Tejo» Hospital Garcia de Orta – Almada; «Olhar sobre o Tejo» (Galeria Augusto Bertholo – Alhandra); «Olhar Sobre o Tejo» (Galeria Municipal – Sobral de Monte Agraço).
 2001 – Painel de azulejos «Garcia de Orta e o seu tempo» – Atrium principal do Hospital Garcia de Orta (Almada); Painel de azulejos «Bonecos de Santo Aleixo» – Entrada da freguesia de Santo Aleixo (Monforte); «Alcochete vista pelo pintor» (Galeria municipal – Alcochete); Lançamento do livro «ALMADA UMA GAIVOTA NO VENTO» em co-autoria com Maria Rosa Colaço que deu origem à exposição com o mesmo nome realizada no Forum Romeu Correia em Almada; Painel de azulejos na biblioteca da Residência de Nossa Senhora da Esperança – Cova da Piedade
 2002 – «Tejo Ribeirinho» (Galeria Chora a Música – Almada).

EXPOSIÇÕES COLECTIVAS:

- 1979 – Exposição dos alunos do curso de pintura (S.N.B.A. – Lisboa).
 1980 – Parque de Campismo da SFUAP – Costa da Caparica; «Viagem ao Mundo da Linba da Forma e da Côr» (Almada); «Comemorações do 132.º aniversário da Incrível Almadense» – Almada.
 1981 – «Entrepósito 1» – Moscavide); «Interlivro Arte» (Lisboa); Entrepósito Industrial de Automóveis (Setúbal); Sociedade Filarmónica União Artística Piedense (Cova da Piedade); «4.º Ciclo de Cultura da Trafaria» (Casino da Trafaria – Trafaria); «Comemorações do 92.º Aniversário da S.F.U.A.P.» (Cova da Piedade).
 1982 – «Não à Guerra» (Cova da Piedade); «Entrepósito II» (Moscavide); «Imargem 82» (Almada).
 1983 – «Homenagem ao Prof. Reynaldo dos Santos» (Vila Franca de Xira); «Almada uma gaivota no vento» (Almada); «Imargem 83» (Almada).
 1984 – Imargem 84 (Setúbal); Artistas Plásticos de Almada (Gesto Arte – Évora); Imargem 84 (Almada); Artistas Plásticos de Almada (Silves); Imargem Pequeno Formato (Almada); Salão convívio (S.N.B.A. – Lisboa).

- 1985 – Imargem 85 (Almada); Imargem 85 (Casa da Cultura das Caldas da Rainha); Primeira Mostra de Artistas Plásticos do Distrito de Setúbal (Almada); Comemorações do 10.º aniversário da FNAC (Lisboa); Amoreiras Shopping Center (Lisboa); Festival de Arte e Cultura do Distrito de Setúbal (Setúbal).
 1986 – Portugal de Abril (Almada), promovida pelas associações Imargem de Almada, Artever de Cascais e Viragem da Amadora; S. Marcos Galeria de Arte (Vila Nogueira de Azeitão); Codilivro (Benfica); Imargem 86 (Almada).
 1987 – Imargem 87 (Galeria Artificio – Lisboa).
 1988 – S. Marcos Galeria de Arte (Vila Nogueira de Azeitão); Imargem 88 (Almada); Imargem Castelo Branco (Museu Tavares Proença Júnior – Castelo Branco); Aniversário do GCS (Cacilhas); Convento dos Capuchos (Costa da Caparica).
 1989 – Bienal Internacional de Cerâmica Artística (Aveiro); Imargem 89 (Almada); Galeria Aberta (Almada).
 1990 – Ceramistas Portugueses Contemporâneos (Vila Nova de Gaia); Portugal de Abril (Amadora), promovido pelas associações Imargem de Almada, Artever de Cascais e Viragem da Amadora; Museu dos Capuchos (Costa da Caparica); Pátio Alfacinha (Lisboa); Imargem 90 (Almada); Câmara Municipal de Sever do Vouga (Sever do Vouga).
 1991 – Galeria Irene Lisboa (Lisboa); Imargem 91 (Almada).
 1992 – Imargem 92 (Almada); 1.º Salão de Cerâmica e Irreverência (Monsaraz).
 1993 – Imargem 93 (Almada); Galeria do Convento do Espírito Santo Lisboa; Inauguração do Hotel da Costa da Caparica (Costa da Caparica).
 1994 – Imargem 94 (Almada).
 1995 – Imargem 95 (Almada); Imargem (Aveiro); Inauguração da sede da Imargem (Galeria da Imargem – Almada); Imargem Pluralidades (Galeria da Imargem – Almada).
 1996 – Inauguração do Painel de Azulejos (Cova da Piedade e o Tejo – Cova da Piedade) do qual o co-autor; Exposição de pequeno formato (Galeria Artimar – Sesimbra); Imargem 96 (Almada); Prof. Matemática 96 (Almada).
 1997 – Co-autor do painel de azulejos inaugurado em Almada sobre a distribuição de água na Cidade e comemorativo do Dia Nacional da Água; Barcos do Tejo (Galeria do Automóvel Clube Medico – Lisboa); Imargem 97 (Almada); Imargem Pluralidades (Solar dos Zagallos – Sobreda).
 1998 – Inauguração do painel de azulejos «O ciclo da água» comemorativo do Dia Mundial da água do qual é co-autor; Imargem Pequeno Formato (Galeria da Imargem – Almada); Festival de Teatro de Almada (Escola António da Costa – Almada); Hospital Garcia de Orta (Almada); Galeria Arte São Verdizela; Galeria Capitel (Leiria); Galeria Gan (Lisboa); Imargem 98 (Almada).
 1999 – Lançamento pela editora INAPA do livro CHAFARIZES DE LISBOA em co-autoria com Dr Alexandre Flores; Solar dos Zagallos (Sobreda) – organização da escola 23 da Alembração; Escola António José Gomes (Cova da Piedade); Imargem – Espaço (Caris – Lisboa); Hospital Garcia de Orta (Almada); Encantos e Recantos de Aljezur (Galeria Municipal de ALJEZUR); Imargem 99 (Almada).
 2000 – Imargem 00 (Almada); Imargem Associação Amigos da Cidade de Almada (Almada).
 2001 – Imargem Pluralidades (Almada); Um Pintor e um Fotógrafo (Galeria Municipal de Aljezur); Comemorações do 65.º aniversário do CIRL (Laranjeiro); Imargem 2001 (Almada); Imargem/Setúbal 2001 (Casa do Corpo Santo – Setúbal).
 2002 – Jornadas sobre o coração (Hospital Amadora Sintra).

Daniel Jerónimo das Mercês

Nasceu em 1973 no Bairro de N.ª Sr.ª da Piedade, na Cova da Piedade.

Aos 9 anos começa a jogar futebol de salão no União Recreativo do Bairro.

1994 – Em representação do Clube Recreativo Piedense foi campeão da III Taça Latina, Futebol de Salão. Neste mesmo ano foi chamado à Selecção.

1995 – Representando o Arco-Íris, foi seleccionado, tendo-se sagrado Campeão do Mundo de Futebol de Salão, na Argentina.

Foi seleccionado desde 1994 a 2001.

Representou os seguintes clubes de 1982: União Recreativo do Bairro, Clube Recreativo Piedense, Móvel Moda, Arco-Íris e Atlético Clube de Portugal 1998/2001.

Eurico da Fonseca

Eurico Xavier Sidónio Lopes Fonseca, nasceu em Lisboa, em 1921. Foi residente em Almada desde 1944.

Autodidacta (com habilitações formais: Curso de Mecânica de Automóveis da Escola Industrial Marquês de Pombal), começou a interessar-se pelo então chamado «Avião sem Hélice» antes da 2.ª Guerra Mundial. Em 1933 construiu um motor-reactor e começou a dedicar-se, posteriormente, ao estudo da propulsão por foguete. Em 1941 foi admitido no Arsenal do Alfeite como desenhador auxiliar e de 42 a 45 prestou serviço militar na artilharia antiaérea.

Em 1945 entrou para desenhador da Escola Naval e em 1956 foi nomeado por concurso, como sempre, desenhador-chefe do Ministério da Marinha.

Em 1957 começou a publicar no «Diário Popular» trabalhos sobre a exploração do espaço cósmico (antes do lançamento do primeiro satélite artificial).

Representou Portugal nos Congressos da Federação Internacional de Astronáutica (FIA), nos anos 958-1960, tendo apresentado na (FIA) uma comunicação sobre «A Limitação Dinâmica da Liberdade no Espaço Cósmico».

Seguiram-se outras importantes comunicações e um convite do governo dos Estados Unidos para conferenciar com especialistas na NASA. Recebeu idêntico convite da U.R.S.S. mas foi impedido de aceitar. O motivo destes convites foi a sua comunicação sobre «A Utilização dos Planetóides Artificiais na Exploração do Espaço Cósmico», cujo princípio foi desenvolvido no «Projecto Bomergangue», que foi analisado por Von Braun e depois desenvolvido pela NASA sob o título de projecto «Hors».

Em 1962 foi nomeado investigador do Centro de Estudos Especiais da Armada.

Foi director do Centro de Estudos Astronáuticos, criado em 1958, pelo Ministério da Educação Nacional.

Fundou a Sociedade Portuguesa de Energia Solar, e era Membro Consultivo Nacional do Projecto Galileu, tutelado pela Federação para a Ciência e Tecnologia.

A sua divulgação para a conquista do espaço passou, inclusive, pelo «Cavaleiro Andante», um destacável de 24 páginas, publicado em Dezembro de 1959, e em que fazia a projecção para a conquista da Lua, o que viria a acontecer, de facto, dez anos mais tarde.

Traduziu mais de 250 obras de Ficção Científica, e foi autor das obras «História Breve da Astronáutica», «A Conquista do Espaço», «Energias Renováveis», «A Sociedade do Futuro» e em 1999 «O Terceiro Milénio».

Teve extensa colaboração sobre ciência e tecnologia, na rádio, TV e imprensa escrita «Sete», «Diário Popular», «O Volante», «Vida Mundial», «Diário de Notícias», «Revista Razão». No extinto jornal «Sete», escreveu durante vários anos sobre automóveis usando como pseudónimo «Chico Cambota». Desde o seu início e durante aproximadamente duas décadas foi responsável, pelo suplemento de computadores do jornal «A Capital», e também colaborou sobre o mesmo tema, no suplemento «24 bits» do jornal «24 Horas».

Editou ainda os livros «Segredos do Windows 95» e «Segredos do Windows 98».

Fernando Jorge dos Santos Paiva

Nasceu em 8 de Setembro de 1969 em Lisboa.

Inicia a sua actividade desportiva, sua modalidade de futebol de salão com 6 anos de idade, nas esperanças do União Recreativo do Bairro, ingressando em 1983 no Grupo Desportivo dos Pescadores da Costa da Caparica, onde jogou 2 épocas, na posição de guarda-redes no tradicional futebol de onze.

De volta ao futebol de salão, e em representação da Loja das Tintas, ocupando o seu lugar de sempre o de guarda-redes, conquistou o IV Torneio organizado pelo Clube Recreativo Pombalense. Nesta modalidade, com a sua participação em representação de clubes e da Selecção conquistou.

Época de 1991/92 – Campeão Nacional e Taça de Portugal

Época de 1992/93 – Campeão Nacional e Taça de Portugal

Época de 1991/92 – Super Taça de Portugal

Época de 1991/92 – Taça Ibérica

Época de 1992/93 – Taça Ibérica

Época de 1993 – Campeão da Europa

Ano de 1991 – Campeão da Taça Latina

Ano de 1993 – 3.º Lugar na Taça das Comunidades
Ano de 1993 – Melhor guarda-redes das Comunidades
Ano de 1991 – Campeão do Mundo (Mundial Efectuado em Milão-Itália)

Entre 1994/1997 voltou a ser campeão do Nacional por três vezes – duas vezes pelo Correio da Manhã e uma vez pela Belomar.

Em 1995/1996 – Ganha o Campeonato da Europa de Clubes em representação do Correio da Manhã, em Palma de Maiorca (Espanha).

COLECTIVADES QUE REPRESENTOU:

União Recreativo do Bairro da Cova da Piedade, Grupo Desportivo dos Pescadores da Costa da Caparica, Móvelmoda, Europeia, Pátio Alfacinha, Arco-Íris, Académica da Amadora, Loja das Tintas, Belomar e Correio da Manhã.

À data completou 92 Internacionalizações no Futebol de Salão.

FUTSAL:

Na época de 1997/1998 deixou de jogar futebol de salão, e passou para o FUTSAL para representar o Correio da Manhã. Currículo no FUTSAL.

97/98 – Campeão Nacional (Correio da Manhã), neste mesmo ano foi convocado pela Selecção de Futsal.

98/99 – Mudou para o Atlético Clube de Portugal e alcançou o terceiro lugar, indo à final da Taça de Portugal, saindo vencido.

99/00 – Vencedor da Taça de Portugal (Correio da Manhã).

00/01 – Correio da Manhã para alcançar um quarto posto.

01/02 – Passou a fazer parte da primeira equipa de sempre do Sport Lisboa e Benfca.

Pela Selecção Nacional de Futsal (regida pela Federação Portuguesa de Futebol).

7.º lugar no campeonato da Europa realizado em Granada (Espanha) 1999, organizado pela UEFA; 3.º lugar e respectiva Medalha de Bronze no Mundial da Guatemala 2001, organizado pela FIFA.

À data completou 22 internacionalizações.

Fernando de Sousa Brito e Cunha

Nasceu em Lisboa a 16 de Abril de 1946.

Viveu a juventude na Margem Sul do Tejo e foi discípulo do grande pedagogo, Dr. Orlando Pinto Baptista, que estimulou em várias gerações um forte sentimento patriótico e democrático.

Foi combatente na Guerra Colonial, na Guiné. Em Abril de 1974, participou como muitos outros patriotas militares e civis na Revolução da Liberdade, que pôs fim a 48 anos de ditadura em Portugal.

Foi Director de Informação no I Governo Constitucional, presidido pelo Dr. Mário Soares.

Em 1994 foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem da Liberdade.

Herculano Fernandes Nogueira

Nasceu a 30 de Junho de 1929, na Freguesia e Concelho de Sobral de Monte Agraço, tendo vindo para Lisboa aos 13 anos de idade. Frequentou a Escola Industrial de Machado de Castro até ao quarto ano. Tendo nesse tempo escrito poesia publicada na Gazeta do Sul, com um poema transcrito no Jornal Democracia de Évora. Nos Jogos Florais do Ateneu Comercial de Lisboa, foi-lhe atribuída uma menção honrosa.

Entretanto começou a colaborar no jornal «A República», cujo director era o Dr. Carvalhão Duarte e Chefe de Redacção o Artur Inês. Teve artigos transcritos no Notícias de New Bedford e no Correio do Minho.

Foi um dos fundadores da revista «Neo», onde colaborava como poeta.

Casou em 1956 com Maria de Lurdes Tavares, depois de ter tirado o 5.º ano no Liceu D. João de Castro.

Como dirigente, começa pela Secção de Hóquei em Patins no Clube Atlético de Campo de Ourique, tendo sucessivamente sido Secretário, Vice-Presidente, e durante vários anos Presidente da Direcção. Foi num destes mandatos como Presidente, que o pavilhão gimno-desportivo se mandou construir, com a ajuda da Direcção-Geral dos Desportos, o qual foi inaugurado em 1966.

Foi membro do Conselho Técnico da Federação Portuguesa de Patinagem, e Presidente da Comissão para comemorar os 25 anos da Associação de Patinagem do Sul, com uma exposição de trofeus no SNI, com a comparência do então Presidente da República Américo Tomás. Esta exposição levou dois anos a organizar. Vindo residir para a Cova da Piedade em 1967, manteve-se ainda durante três anos como Presidente do Atlético Clube de Campo de Ourique.

Depois do 25 de Abril de 1974, fundou com a Maria Antónia Baptista a Comissão de Moradores do Bairro da Piedade. Posteriormente foi designado Presidente do Conselho de Moradores e Presidente da Assembleia Popular de Almada, tendo como secretária Maria Emília, a actual Presidente da Câmara Municipal.

O Conselho de Moradores escolheu-o como candidato às eleições para a Junta de Freguesia, para o qual foi eleito, como Presidente, em Dezembro de 1976, seguido de outro mandato de três anos como Presidente da Mesa da Assembleia de Freguesia da Cova da Piedade.

Em 1982/1983 foi secretário da Direcção da SFUAP e nos seguintes até 1989 inclusive foi secretário e Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral. Celebrou o centenário desta colectividade, como dirigente.

Foi ainda, homenageado conjuntamente com o Dr. Henrique Barbeitos, num dos espectáculos de «Almada Antes e Depois de Abril», realizado na Incrível Almadense, no ano de 1983.

Em 1989/90 foi Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Cooperativa Piedense, tendo em 1991 passado a Presidente da Direcção, até 1997. Em 1998 e até à presente data (ano 2002), tem sido Presidente da Assembleia Geral.

Como Presidente da Direcção da Cooperativa, conseguiu fazer publicar o livro «100 Anos de Futuro», tendo com tudo o elenco dos corpos sociais, e as colectividades amigas da cooperativa, comemorado o 1.º Centenário, que se traduziu numa bonita festa, em que a Câmara Municipal de Almada atribuiu a medalha de ouro, que foi colocada no estandarte, como símbolo dos relevantes serviços prestados em 100 anos de luta, muitos dos quais contra o regime salazarista.

Com o apoio de todos os corpos sociais, integrou a Cooperativa Piedense no Movimento Cooperativo, fazendo com que ela se tenha desenvolvido com o apoio da Pluricoop, saindo de uma situação de falência técnica, para uma promissora continuidade ao serviço da população local.

João Jorge Tavares da Gama

Nasceu na Cova da Piedade em 1926.

No associativismo começou por fazer teatro de amadores na Sociedade Filarmonica União Artística Piedense (SFUAP).

Foi membro da Comissão Bibliotecária da Direcção e da Comissão de angariação de fundos para pagamento da dívida contraída com a construção da piscina.

Em 1954 ligou-se à Cooperativa Piedense, tendo pertencido aos seus Corpos Gerentes á organização dos seus Serviços Médicos e de Enfermagem e da Exploração Pecuária. Actividades que exerceu ao longo de cerca de dez anos

Foi, também Dirigente do Clube Columbófilo Piedense e membro do Conselho Fiscal da Associação das iniciativas Populares para a Infância do Concelho de Almada (AIPICA), no exercício de 1987/88.

Esteve seis anos na Junta da Freguesia da Cova da Piedade, um mandato (1977/79) como vogal e outro (1980/82) como Presidente, acumulando as funções de Deputado Municipal por inerência do cargo. Fez parte do mesmo Órgão Autárquico no mandato de 1983/85 por eleição directa. No Conselho Municipal foi Secretario da mesa durante três anos.

Em 1981 começou como colaborador na União dos Reformados, Pensionistas e Idosos do Concelho de Almada (URPICA). No período de 1982/84, exerceu as funções de Presidente da mesa da Assembleia Geral e é Presidente da Direcção desta Instituição, desde 1985.

Como membro civil, nomeado em plenário das Colectividades, integrou a Comissão de Dinamização Cultural do M.F.A., a quem coube organizar todas as Sessões de Esclarecimento, realizadas em diversos locais do nosso Concelho.

João Mangualde Boquinhas

Nasceu em Elvas a 28 de Julho de 1921.

É um homem simples, que um dia pensou escrever um livro, um velho sonho que acalentava há muitos anos.

A sua primeira produção literária foi um conto, «O Tio Jacinto», publicado em 1951 num jornal que já não existe e que se chamava «Ecos de Portugal».

Assim, em Novembro de 1959 publicou o seu primeiro livro, «Lágrimas de Fogo», obra dedicada à sua esposa e filho.

As críticas ao seu primeiro livro, foram francamente animadoras que o estimularam e encorajaram para novos lançamentos.

Deste modo em Novembro de 1962, edita o seu segundo volume, «Cardos em Flor», livro composto por seis contos e dedicado aos seus pais.

Transcrevemos um parte do texto de Ferreira de Castro dedicado a esta obra «...Nestes contos e novelas encontrei muitas qualidades literárias a par de nobres sentimentos humanos. Aqui o espírito alia-se ao coração de forma impressionante.

Faço grandes votos pelo seu futuro e envio-lhe uma mensagem mental de simpatia e fraternidade».

Em 1967 surgiu a terceira obra, dedicada aos seus irmãos, Hermínia, Mariana e Marcelino, e que tem por título «As Paredes do Inferno». É um livro composto por duas novelas, a que dá o título ao livro, e «Ilusão Dourada».

Escreveu contos e crónicas que foram publicados em vários jornais e revistas.

Foi ainda colaborador, entre outros, no periódico *Voz de Almada, Praia do Sol, Boletim Cooperativista, Boletim Interno da Cooperativa Piedense, Planície* e foi durante algum tempo, correspondente do *Jornal de Almada*, na Cova da Piedade.

João Paulo Agrela

Nasceu, em 1943, no Funchal – ilha da Madeira. Foi ele que deu nome ao conjunto musical, formado em 1963 no Funchal, por ser, então, habitual atribuir aos conjuntos o nome do seu pianista. No mesmo ano da sua formação, o conjunto «João Paulo» actuou em várias casas de espectáculo madeirenses, inclusive, no «Teatro Municipal do Funchal».

Devido à qualidade da sua música, foram convidados a actuar em Lisboa e foi no palco do «Monumental» que se estrearam com retumbante êxito. A sua actuação de vinte e cinco minutos na RTP, no programa «TV Clube», foi o salto para a consagração diante milhares de espectadores. Desde então, fixaram-se em Lisboa de onde partiram para várias digressões nacionais, de norte a sul do país, e internacionais, nomeadamente para os EUA e Canadá onde actuaram junto das comunidades portuguesas de emigrantes.

Encontrando-se os elementos do conjunto em idade de cumprimento do serviço militar, decidiram elaborar um requerimento ao Ministério de Exército solicitando que o serviço militar fosse cumprido pela forma de actuações junto das forças armadas em combate nas então colónias portuguesas de Angola, Moçambique e Guiné – tal requerimento foi deferido. Três anos depois do cumprimento do «serviço militar» regressaram à ilha da Madeira. Durante alguns anos actuaram no Hotel Reid's, até 1978, altura em que decidiram terminar o projecto «João Paulo».

Actualmente, João Paulo Agrela reside no Bairro Paroquial do Bairro N.º Sr.ª da Piedade.

Jaime Jerónimo Mercês

Nasceu em 27 de Setembro de 1963 na Cova da Piedade. Começou a sua actividade de atleta com a idade de 6 anos no União Recreativo do Bairro até aos 9 anos.

Com 10 anos toma parte no torneio Onda Verde, organizado pelo Sporting Clube de Portugal, representando os «Pastelinhos de Belém». Com 13 anos ingressou no Atlético Clube de Portugal. Quando faz 15 anos é jogador do Amora Futebol Clube (Juvenil e depois júnior), onde foi pela primeira vez internacional, vencendo o torneio de Israel, e seleccionado para a equipa de Lisboa. Antes da sua passagem a profissional, acompanhou o Sporting numa digressão ao estrangeiro. Aos 19 anos vai representar o Clube de Futebol os Belenenses, onde viria a jogar durante 9 anos, é durante esses anos, o jogador do Belenenses, do Concelho de Almada e do Distrito de Setúbal, que mais vezes foi chamado a integrar a Selecção Nacional. Na época de 83/84, ano de ingresso no Belenenses, o clube

encontrava-se na II Divisão, tendo jogado todos os jogos, teve grande influência para o seu regresso ao escalão maior do futebol nacional. Nas épocas seguintes teve as seguintes participações:

1984/85 – 24 jogos

1985/86 – 30 jogos

1986/87 – 30 jogos

1987/88 – 23 jogos

1988/89 – 26 jogos

1989/90 – 28 jogos

1990/91 – 28 jogos

1991/92 – joga apenas meia dúzia de jogos, o Belenenses torna a baixar de divisão, no final da época é dispensado. Ingressa na época de 1992/93 no Vitória de Setúbal, onde viria a contribuir para a subida deste clube à 1.ª Divisão.

Ao serviço do Belenenses foi campeão da 2.ª Divisão, classificaram-se numa época em 3.º lugar no Nacional da 1.ª Divisão, e contribuiu ainda para ajudar este clube por 2 vezes, a atingir a final da Taça de Portugal, tendo numa delas, eliminado sucessivamente o F. C. Porto, Sporting e na final, único jogo que não efectuou, venceram o Benfica por 2-1. Na outra final e frente ao mesmo adversário, alinhou todos os encontros, mas foram vencidos pelo resultado de 2-0.

Representou ainda o Ovarense, Atlético Clube de Portugal e Amora Futebol Clube.

Para as competições europeias, defrontou os seguintes adversários; Barcelona, Velez-Mostar, Leverkusen e Mónaco.

Jogou ainda em Moçambique, Angola, Bélgica, Bulgária, França, Alemanha, Jugoslávia, Espanha e Mónaco.

Representou as Selecções Nacionais por 28 vezes, assim distribuídas: 12 Júnior, 6 Esperanças, 2 Olímpicas e 8 «AA».

Actualmente treina o futebol de salão feminino do Pinhal de Frades F. C., sendo técnico dos juvenis e treinador-adjunto do Amora Futebol Clube.

José Manuel Rodrigues da Costa Martins

Nasceu na Cova da Piedade em 5 de Junho de 1950, filho de José Henriques da Costa Martins e de Cecília Lopes Rodrigues da Costa Martins.

Licenciado em medicina pela Universidade de Lisboa fez a especialidade em Ortopédia e Traumatologia no Hospital de Outão (Setúbal), quando da abertura do Hospital Garcia de Orta – Almada, é convidado para integrar a equipa de Ortopédia e Traumatologia do mesmo, onde se encontra a desempenhar a sua actividade profissional desde 1991.

Tem como passatempos a pintura, tiro ao arco olímpico e golfe.

José Maria Peniche Galveias

Nasceu em Alcanena em 1920.

Começou a pintar sob a orientação do artista Manuel Cargaleiro, que conheceu aos 16 anos e de quem era grande amigo.

Mais tarde, estudou pintura e desenho com o Mestre Waldemar da Costa, artista brasileiro radicado em Portugal nessa época, e que introduziu no nosso país a pintura concretista.

A sua obra esteve representada nas seguintes exposições de Arte: II, III, IV e V Salão de Artes Plásticas organizado pela C.M.A. nas salas do Convento dos Capuchos na Costa da Caparica.

Exposição de Pintura na Faculdade de Medicina de Lisboa, em Homenagem a Manuel Ribeiro de Pavia.

Exposição da Cooperativa Almadense e Piedense; I e II Exposição de Arte Moderna em Almada (Incrível, 1958), (Dragão Vermelho, 1959). Exposição de Pintura ilustrada 1960, em Lisboa, Almada, Setúbal e Estremoz I e II. Salão dos Novíssimos (S.N.I.).

Faz parte em 1960 da Exposição Itinerante de Arte Moderna (organizada por Fernando Peres e Francisco Relógio).

Participa em 1960 na I Exposição de Poesia ilustrada na Casa do Bancário.

I Exposição de Poesia ilustrada do Clube de Campismo de Setúbal. I Exposição de Pintura ilustrada na sede do Orfeão de Estremoz (Tomaz Alcaide), entre muitas outras.

Em 1969 conseguiu realizar o seu grande sonho, e mais uma vez encontrou no pintor Manuel Cargaleiro o apoio e incentivo necessário a tal empreendimento; fundou a Galeria S. Francisco.

Eram tempos muito difíceis, mas a sua coragem e persistência deram-lhe ânimo para se impor nesse campo, pois ele era um homem das Artes.

Na sua Galeria deu sempre prioridade aos artistas jovens, totalmente desconhecidos do público, artistas que ali encontraram o seu ponto de partida e pelos quais ele tinha uma enorme admiração e respeito.

Também Peniche Galveias divulgou em Portugal artistas estrangeiros que, por várias razões, eram nessa época muito contestados no nosso país.

A sua vida foi totalmente dedicada às Artes, quer como pintor, quer ainda como galerista. E assim podemos recordá-lo como um homem que contribuiu de forma simples mas honesta para fomentar a cultura em Portugal.

Faleceu em 1975.

Lourdes Sério

Nasce algures em Lisboa, ao nascer da tarde de um pequeno dia, Fevereiro, há longos, longos anos, 1946.

Cedo começa a desenhar, a pintar, louca paixão por tudo. As cores, que fascínio! Os olhos, as mãos, a dança vertical dos tecidos que ondulam e contornam os corpos. O corpo, a beleza dos seios de mulher, a beleza do sexo masculino. As cores e o seu odor! Tudo é demasiadamente belo. Tudo é desmedidamente frio e chocante. A vida é uma utopia.

Desenha, pinta, cedo começa a ganhar os primeiros prémios, ainda na primária. Muito nova frequenta o atelier de Artur Bual na Amadora, executando um voo tranquilo com regresso a Almada onde desde cedo habitou. Estuda e licencia-se em Pintura na ESBAL. Defende tese em Cerâmica. Na cerâmica existe a alegria das cores. Na Pintura o dramatismo dos gestos do Universo.

Funda a Imargem em 1982 com outros artistas de Almada, onde se mantém algum tempo como sócia fundadora. Exerce como professora até 1992, altura em que abandona o ensino passando a dedicar-se em exclusivo à cerâmica, inicia uma nova experiência: escultura em ferro e azulejo.

A sua obra multifacetada encontra-se em vários pontos do país e no estrangeiro, na posse de particulares, ou em instituições públicas:

- 1987/88 – restaurante «A Minhotinha», na Cova da Piedade; Junta de Freguesia do Pragal em azulejos da fábrica Viúva Lamêgo; Externato Gil Eanes; Empresa de Madeiras de Vila Nova de Ourém painel em que se conjuga o azulejo e a madeira;
- 1989 – restaurante Parafuso II, painel de forma irregular e abstracto, onde utiliza, além do azulejo, materiais da construção naval, parafusos e roscas ferrugentas; Oficina de Cultura de Barrancos e Escola C+S, onde ocupou o cargo de Directora, com os alunos pinta os painéis que se encontram nesta escola;
- 1992 – Avenida Bento Gonçalves em Amada, painel de 180 m² de temática abstracta e figurativa elogiado por Júlio Resende. Abandona o ensino e dedica-se exclusivamente à pintura e escultura. Executa vários trabalhos para interiores, casas de banho da Acopil no Centro Sul e para particulares no país e na Bélgica;
- 1995 – Exposição na Oficina de Cultura de Almada com trabalhos em azulejo, tela e escultura em ferro;
- 1996 – Farmácia Moderna de Monchique e edifício da Junta de Freguesia;
- 1997 – Largo dos Chorões em Monchique dois painéis de grandes proporções, cerca de 9 mil azulejos;
- 2001 – Centro Paroquial de Bem Estar Social da Cova da Piedade, um painel exterior e outro de temática abstracta, em azulejo de lastra da Fábrica Viúva Lamêgo, no refeitório.

Encontra-se representada no Centro de Arte Moderna do Sabugal e em espaços públicos e privados de vários países: Bélgica, Holanda e Estados Unidos.

José Maria Peniche Galveias

Nasceu em Alcanena em 1920.

Começou a pintar sob a orientação do artista Manuel Cargaleiro, que conheceu aos 16 anos e de quem era grande amigo.

Mais tarde, estudou pintura e desenho com o Mestre Waldemar da Costa, artista brasileiro radicado em Portugal nessa época, e que introduziu no nosso país a pintura concretista.

A sua obra esteve representada nas seguintes exposições de Arte: II, III, IV e V Salão de Artes Plásticas organizado pela C.M.A. nas salas do Convento dos Capuchos na Costa da Caparica.

Exposição de Pintura na Faculdade de Medicina de Lisboa, em Homenagem a Manuel Ribeiro de Pavia.

Exposição da Cooperativa Almadense e Piedense; I e II Exposição de Arte Moderna em Almada (Incrível, 1958), (Dragão Vermelho, 1959). Exposição de Pintura ilustrada 1960, em Lisboa, Almada, Setúbal e Estremoz I e II. Salão dos Novíssimos (S.N.I.).

Faz parte em 1960 da Exposição Itinerante de Arte Moderna (organizada por Fernando Peres e Francisco Relógio).

Participa em 1960 na I Exposição de Poesia ilustrada na Casa do Bancário.

I Exposição de Poesia ilustrada do Clube de Campismo de Setúbal. I Exposição de Pintura ilustrada na sede do Orfeão de Estremoz (Tomaz Alcaide), entre muitas outras.

Em 1969 conseguiu realizar o seu grande sonho, e mais uma vez encontrou no pintor Manuel Cargaleiro o apoio e incentivo necessário a tal empreendimento; fundou a Galeria S. Francisco.

Eram tempos muito difíceis, mas a sua coragem e persistência deram-lhe ânimo para se impor nesse campo, pois ele era um homem das Artes.

Na sua Galeria deu sempre prioridade aos artistas jovens, totalmente desconhecidos do público, artistas que ali encontraram o seu ponto de partida e pelos quais ele tinha uma enorme admiração e respeito.

Também Peniche Galveias divulgou em Portugal artistas estrangeiros que, por várias razões, eram nessa época muito contestados no nosso país.

A sua vida foi totalmente dedicada às Artes, quer como pintor, quer ainda como galerista. E assim podemos recordá-lo como um homem que contribuiu de forma simples mas honesta para fomentar a cultura em Portugal.

Faleceu em 1975.

Lourdes Sério

Nasce algures em Lisboa, ao nascer da tarde de um pequeno dia, Fevereiro, há longos, longos anos, 1946.

Cedo começa a desenhar, a pintar, louca paixão por tudo. As cores, que fascínio! Os olhos, as mãos, a dança vertical dos tecidos que ondulam e contornam os corpos. O corpo, a beleza dos seios de mulher, a beleza do sexo masculino. As cores e o seu odor! Tudo é demasiadamente belo. Tudo é desmedidamente frio e chocante. A vida é uma utopia.

Desenha, pinta, cedo começa a ganhar os primeiros prémios, ainda na primária. Muito nova frequenta o atelier de Artur Bual na Amadora, executando um voo tranquilo com regresso a Almada onde desde cedo habitou. Estuda e licencia-se em Pintura na ESBAL. Defende tese em Cerâmica. Na cerâmica existe a alegria das cores. Na Pintura o dramatismo dos gestos do Universo.

Funda a Imargem em 1982 com outros artistas de Almada, onde se mantém algum tempo como sócia fundadora. Exerce como professora até 1992, altura em que abandona o ensino passando a dedicar-se em exclusivo à cerâmica, inicia uma nova experiência: escultura em ferro e azulejo.

A sua obra multifacetada encontra-se em vários pontos do país e no estrangeiro, na posse de particulares, ou em instituições públicas:

- 1987/88 – restaurante «A Minhotinha», na Cova da Piedade; Junta de Freguesia do Pragal em azulejos da fábrica Viúva Lamêgo; Externato Gil Eanes; Empresa de Madeiras de Vila Nova de Ourém painel em que se conjuga o azulejo e a madeira;
- 1989 – restaurante Parafuso II, painel de forma irregular e abstracto, onde utiliza, além do azulejo, materiais da construção naval, parafusos e roscas ferrugentas; Oficina de Cultura de Barrancos e Escola C+S, onde ocupou o cargo de Directora, com os alunos pinta os painéis que se encontram nesta escola;
- 1992 – Avenida Bento Gonçalves em Amada, painel de 180 m² de temática abstracta e figurativa elogiado por Júlio Resende. Abandona o ensino e dedica-se exclusivamente à pintura e escultura. Executa vários trabalhos para interiores, casas de banho da Acopil no Centro Sul e para particulares no país e na Bélgica;
- 1995 – Exposição na Oficina de Cultura de Almada com trabalhos em azulejo, tela e escultura em ferro;
- 1996 – Farmácia Moderna de Monchique e edifício da Junta de Freguesia;
- 1997 – Largo dos Chorões em Monchique dois painéis de grandes proporções, cerca de 9 mil azulejos;
- 2001 – Centro Paroquial de Bem Estar Social da Cova da Piedade, um painel exterior e outro de temática abstracta, em azulejo de lastra da Fábrica Viúva Lamêgo, no refeitório.

Encontra-se representada no Centro de Arte Moderna do Sabugal e em espaços públicos e privados de vários países: Bélgica, Holanda e Estados Unidos.

Tem ainda recebido convites e pedidos de informação sobre o seu trabalho de S. Paulo, Londres e Paris.

PARTICIPOU NAS SEGUINTE EXPOSIÇÕES:

- 1980 – Viagem ao Mundo da Linha, da Forma e da Cor, Almada;
- 1980 – SFUAP, Cova da Piedade;
- 1981 – Apoio ao Movimento da Paz, SFUAP, Cova da Piedade ; Poéticas, Comemorações do 92.º Aniversário da SFUAP;
- 1982 – Imagem 82, Entrepósito Comercial;
- 1983 – IV Bienal de Arte da Festa do Avante; Imagem 83;
- 1985 – Pousada do Castelo de Palmela; Escola Superior de Belas Artes de Lisboa; Cidilivro;
- 1989 – Restaurante «A Cabaça»;
- 1990 – Junta de Freguesia de Barrancos; Museu Etnográfico de Serpa; Ginásio Clube do Sul;
- 1991 – Museu Etnográfico de Serpa; Galeria 190, Colectiva 13+2; Escola Preparatória do Feijó; Escola Preparatória da Trafaria; Treze Pintores em Évora;
- 1992 – VII Bienal de Arte da Festa do Avante; SFUAP 24 Horas a Nadar, Cova da Piedade; 3.ª Exposição Internacional de Arte Postal, Barreiro; 102.º Aniversário da SFUAP; Escola Preparatória de Feijó; Galeria Maria Lamas, Torres Novas; Comemorações do 25 de Abril, Clube dos Sargentos da Armada do Feijó;
- 1993 – 2.ª Bienal do Concelho do Sabugal, Sabugal; Galeria Solução Arte, Lisboa;
- 1994 – FATACIL, representa a Câmara Municipal de Monchique, Lagoa; Posto de Turismo de Évora;
- 1995- FATACIL, Lagoa;
- 1996 – Oficina da Cultura, Almada

Lúcio de Jesus Ferreira Botas dos Santos

Nasceu em Lisboa a 24/6/1948 e começou a habitar o Bairro da Nossa Senhora da Piedade em Dezembro de 1952.

Começou a frequentar a escola na fase infantil em estabelecimento patrocinado pelo Clube Desportivo Piedense, onde sob a orientação da D.ª Suzana iniciou a aprendizagem das primeiras letras. Fez a instrução primária na Escola do Bairro e frequentou o Liceu de Passos Manuel em Lisboa, entre Outubro de 1959 e Julho de 1966. Concluiu o Curso Secundário com a média global de 16 valores, conseguindo o Prémio de Melhor Muno durante todo o período em que frequentou o Liceu.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa no ano lectivo de 1966/67 tendo concluído a licenciatura em Medicina no ano de 1972, com a classificação final de 16 valores.

Em Julho de 1970, ainda aluno, foi convidado pelo Professor Doutor Gomes da Costa para exercer o cargo de Monitor da Cadeira de Química Fisiológica, cargo que exerceu até Junho de 1973, altura em que sob proposta do Professor Doutor Carlos Manso, ascendeu ao lugar de Assistente da Cadeira de Química Fisiológica. A sua ligação à Faculdade de Medicina foi uma constante ao longo da sua vida profissional, estendendo-se a sua actividade pela investigação e o ensino de várias cadeiras, culminando com a realização de um Doutoramento em Medicina em Junho de 1996 no qual obteve a classificação de 20 valores.

Em Março de 1973 iniciou a sua carreira Hospitalar no Hospital de Santa Maria. Durante a fase de aprendizagem (Estágio de Prática Clínica e Internatos) teve oportunidade de trabalhar com alguns dos maiores vultos da Medicina Portuguesa Contemporânea. Assim estagiou nos serviços do Professor Doutor Arsénio Cordeiro (Medicina Interna), do Professor Doutor Cândido da Silva (Cirurgia Geral), do Professor Castro Caldas (Ginecologia e Obstetrícia) e do Professor Doutor Salazar de Sousa (Pediatria).

A sua ligação ao serviço de Clínica Médica do Professor Arsénio Cordeiro iniciou-se nesta fase e persistiu até à actualidade, tendo começado a sua actividade integrado na equipa do Professor Doutor Carlos Ribeiro, mantendo-se sob a sua direcção até à sua jubilação em 1998. O professor Doutor Carlos Ribeiro foi o grande mentor da sua carreira profissional. A ele e ao Professor Doutor Martins e Silva (director do Instituto de Bioquímica da Faculdade de Medicina de Lisboa, onde decorreu grande parte da sua actividade científica) fica devendo o patrocínio do seu doutoramento em Medicina.

Em Junho de 1976 fez o exame de entrada no Internato de Cardiologia tendo obtido, em concurso nacional, a melhor classificação. Em Março de 1977 criou a secção de Provas de Esforço da UTIC «Arsénio Cordeiro» do Hospital de Santa Maria. O seu interesse pelo desenvolvimento desta técnica levou-o a ser o principal dinamizador para a criação, no âmbito da Sociedade Portuguesa de Cardiologia, do Grupo de Estudos de Fisiopatologia do Esforço e Metabolismo do Miocárdio, do qual foi durante vários anos o coordenador nacional.

Em Setembro de 1977 iniciou a prática de clínica privada na Cova da Piedade, no âmbito da Cardiologia, actividade que mantém e tem desenvolvido até ao presente momento.

Em Novembro de 1981 fez exame para Especialista em Cardiologia pela Ordem dos Médicos tendo sido aprovado por Unanimidade e Distinção. Em Dezembro do mesmo ano realizou exame de saída do Internato de Cardiologia do Hospital de Santa Maria, tendo concluído o Internato com a classificação de Muito Bom com Distinção e Louvor.

Em Dezembro de 1985 realizou Concurso Regional para o lugar de Assistente Hospitalar de Cardiologia, tendo a obtido a classificação de 17,5 valores. Em

Janeiro de 1987 é nomeado, por despacho do Director Geral dos Hospitais, Assistente Hospitalar de Cardiologia do Hospital de Santa Maria.

Em Dezembro de 1991 é nomeado Assistente Hospitalar Graduado de Cardiologia do Hospital de Santa Maria.

Em Agosto de 2001, após concurso público, é nomeado Chefe de Serviço de Cardiologia do Hospital de Santa Maria.

É autor de cerca de 150 comunicações em reuniões científicas nacionais e de cerca de 60 em reuniões internacionais. Tem publicados cerca de 70 artigos em publicações nacionais e 25 em internacionais. É autor de dois livros de Medicina.

Luís António Mesquita

Nasceu em Maio de 1913, em Vilarandelo, Trás-os-Montes.

Entre a enxada e a tesoura e navalha, optou (ou a vida o fez optar) por estas, iniciando assim,

ainda na sua terra natal, a aprendizagem do seu ofício, da sua «arte».

Aos 14 anos, vem para Lisboa onde a trabalhar vai continuando a aprender, tomando-se num qualificado profissional de barbeiro.

Na Grande Cidade faz-se o homem vertical, digno e solidário, cujas qualidades profissionais e humanas são reconhecidas por todos com quem se foi relacionando ao longo da vida.

Aos 20 anos os seus ideais de justiça e solidariedade levam-no a participar em grupos «esperantistas» aprendendo uma língua que se cria poder vir a ser um elemento de união entre os povos e liga-se ao Socorro Vermelho Internacional e ao Partido Comunista Português, iniciando uma participação activa na luta pela liberdade e pela democracia.

Em Alcântara, onde residiu e trabalhou até aos 40 anos, colaborou em diversas Associações Desportivas e Culturais, dinamizando a criação e desenvolvimento de bibliotecas, designadamente nos 'Leões de Santo Amaro' e no «Carcavelinhos/Atlético Clube de Portugal», onde para além da promoção do gosto pela leitura participou activamente na promoção de diversificadas actividades culturais envolvendo intelectuais antifascistas.

Em 1952, fixa residência no Bairro, na Cova da Piedade, aí vindo a estabelecer-se por conta própria, no ano seguinte.

Quem no Bairro (da N.ª Sr.ª da Cova da Piedade) não conheceu a Barbearia do Mesquita? Quantos, em vez de dizerem «vou ao barbeiro» ou «vou cortar o cabelo», não disseram «vou ao Mesquita»... e toda a gente entendia.

Na Cova da Piedade, continua a colaborar em várias Colectividades, nomeadamente na Cooperativa Piedense e no Clube Desportivo, tendo a sua acção sido de particular relevo nesta última para a manutenção em funcionamento após 1972, das Escolas Pré-Primárias e das actividades de formação de adultos.

Em 1974, logo após o 25 de Abril foi nomeado «regedor» da freguesia da Cova da Piedade, cargo que desempenhou, por sua opção, sem qualquer remuneração.

Tendo-se verificado o florescimento das mais variadas iniciativas e formas de intervenção popular, foi um dos fundadores da Associação de Moradores do Bairro da N.ª Senhora da Cova da Piedade e seu representante nas reuniões Inter-Associações de Moradores da Cova da Piedade.

Foi candidato à Assembleia de Freguesia e participou nos movimentos de «reformados e idosos», quer no âmbito da URPICA quer do MURPI.

Casado por duas vezes e com três filhos, vê crescer netos e bisnetos transmitindo-lhes memórias de uma vida de trabalho e luta pela liberdade e justiça e contando-lhe histórias vividas de militante antifascista e comunista em tempos de clandestinidade ou como, em democracia, conheceu todos os recantos do Bairro, procurando contribuir para que fosse um lugar onde todos vivessem melhor.

Com 82 anos, deixa a tesoura e a navalha, passando o testemunho aos seus empregados.

Com uma vontade indomável de viver e de ser útil aos outros, reside desde 1997 com a filha no Alentejo, em Arraiolos, retoma a enxada que tinha largado na adolescência, mantendo a firmeza das suas convicções e continuando atento à evolução do país e do mundo.

Maria Farroilha

Nasceu no dia 10 de Dezembro de 1920, na Ponta da Lage, Arruda dos Vinhos, sendo a mais velha de 6 irmãos. Com a idade de 19 anos veio para Lisboa à procura de uma vida diferente da que poderia ter na aldeia onde nasceu.

Sem família em Lisboa, até casar, na Instituição Religiosa – Patronato de S. Sebastião da Pedreira. Nesta Instituição, reforçou os princípios de honestidade e de solidariedade transmitidos pelos pais e que se reflectiram em toda a sua vida.

Empregou-se nos Armazéns do Chiado, como empregada de escritório, onde fez amizades.

Aos 25 anos conhece o futuro marido, o rapaz de um sonho que remonta aos seus 16 anos e cuja fisionomia nunca mais esquecer, garantindo, sempre que seria com aquele que casaria. Por coincidência ou fruto do destino foi efectivamente com ele que casou, em 1948. Deste casamento nasceram 4 filhos.

Passando por desgostos e dificuldades na sua vida, recebeu, em 1966, através do Fomento de Habitação Social, uma casa no Bairro da N.ª Sr.ª da Piedade na Cova da Piedade. Abraçando esta como se fosse a sua terra, aqui criou a sua família e desenvolveu laços de amizade com toda a vizinhança.

Sonhadora e dona de uma determinação muito forte, a sua sensibilidade deu-lhe a capacidade de escrever poesia e histórias da sua vivência, que vai lendo ao marido, aos filhos e depois aos 7 netos.

Em 2001, com a idade de 81 anos, edita um livro «A Vida em Poesia», com uma pequena parte de toda a poesia que foi escrevendo, transmitindo as alegrias e também os seus desânimos, mas sempre com muita Fé, dizendo *Vale a Pena Viver*.

Maria José Camões

Nasceu em Lisboa em 1948. Um ano depois muda-se para a Margem Sul tendo, em 1953, ido viver para o Bairro de N.ª Sr.ª da Piedade, onde permaneceu até ao seu casamento em 1973. Actualmente vive e trabalha em Almada.

Licenciada em Artes Plásticas – Pintura, pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1977, é Professora de Artes Plásticas.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS:

- 2002 – Galeria «Josephus», Lisboa.
- 2001 – Galeria de Exposições Augusto Cabrita», Seixal; Galeria «Municipal», Barreiro.
- 2000 – Galeria «Arte & Mar», Sesimbra.
- 1999 – Galeria «Arte Sã», Seixal.
- 1998 – Galeria «Cogito», Setúbal.
- 1994 – Galeria «Vértice», Lisboa.
- 1993 – Galeria «Lagos», Algarve.
- 1990 – Galeria «Ara», Lisboa; Galeria «Sintra», Sintra.
- 1989 – Galeria «Sant'Iago», Almada; Galeria «Forum Picoas», Lisboa.
- 1988 – Galeria «Almadarte», Costa da Caparica.
- 1986 – «Alliance Française», Almada.

EXPOSIÇÕES COLECTIVAS (SELECÇÃO)

- 2001 – «Porto'Arte 2001 – Feira de Arte Moderna», Porto.; «So Hyun Gallery», Nova Iorque, USA; «Galeria d'Arte Zero», Barcelona, Espanha, «Arte no Verão»; Galeria «Ralb&Co», Miami, USA; Galeria «Municipal Gymnásio», Lisboa, «Naturezas»; Galeria «Quinta de St.º António», Aveiro, «Percurso no Feminino».
- 2000 – «So Hyun Gallery», New York, USA; «Arte Santander» – Feira de Arte Contemporânea, Santander, Espanha; «MAC 21» – Feira de Arte Contemporânea, Marbella, Espanha; Galeria «Josephus», Lisboa, «Colectiva de Verão»; Galeria «Augusto

- Cabrita», Seixal, «Preto e Branco»; Galeria «ArtHouse», Cascais, «Mulheres no Novo Milénio»; Galeria Fábrica das Artes e Torres Vedras, «Torres Vedras – 750 Anos».
- 1999 – Galeria «Época», Guarda, «Colectiva»; «Quinta de St.º António», Aveiro, «Colectiva»; Galeria «Casino Estoril», Estoril, «Dez Pintores Contemporâneos»; «Junta de Turismo da Costa do Estoril», Estoril, «Nueve Expresiones».
- 1998 – M.A.E.S. e Setúbal «Mulher Plural»; Galeria «Cogito», Setúbal, 5.º Aniversário; Galeria «Augusto Cabrita», Seixal, «Solidariedade, Associação Abraço».
- 1997 – Galeria «Hexalfa», Funchal, Madeira, «MARCA – Feira de Arte Contemporânea»; Galeria «Cogito», Lisboa, «F.A.C. – «Feira de Arte Contemporânea»; Galeria «Atelier», Laranjeiro, «Pintura e Cerâmica».
- 1996 – Galeria «Arte & Mar», Sesimbra, «Colectiva de Pintura»; Bibl. «António Gal», Palos de la Frontera, Espanha, «Expo Colect. – Artes Plásticas»; Galeria «Convosco», Lisboa, «Artistas de Almada»; Galeria «Vandelli», Coimbra, «Colectiva»; Galeria «Ara», Lisboa, «Papéis»; Oficina da Cultura, Almada, «25 de Abril – 25 Obras»; Galeria «Municipal da Mitra», Lisboa, «II Encontro de Artistas Ibéricos e Finlandeses»; Galeria «Anagma» e Valência, Espanha, «Colectiva».
- 1995 – Galeria «Samora Barros» e Albufeira, «Exposição de Pintura»; Municipal Tampere, Finlândia, «Collective Portuguese Contemporary Artists»; Oficina da Cultura, Almada, «Animarte»; Galeria «Esta», Lisboa, «Grupo Treze»; M.A.E.D.S., Setúbal, «Pintura no Feminino»; Casino Estoril, Estoril, «IV Salão do Pequeno Formato»; Galeria «Loios», Porto, «A Mulher».
- 1994 – Galeria «Belo Belo», Braga, «Colectiva».
- 1993 – Galeria «Vandelli», Coimbra, «Utopias – Do Surrealismo ao Abstracto»; Galeria «Arte & Mar», Sesimbra, «III Colectiva – Sesimbra e o Mar».
- 1992 – Galeria «St.ª Justa», Lisboa, «Exposição de Pintura e Escultura de Pequeno Formato»; Galeria «Arcada», Estoril, «Colectiva de Verão»; Galeria «Miron», Lisboa, «Colectiva de Pintura»; Galeria «Vértice», Lisboa, «Colectiva»; Galeria do Casino, Estoril, «III Salão de Pequeno Formato».
- 1991 – Galeria do Casino. Estoril, «XII Salão de Outono»; C.M.P., Portimão, «Port Arte»; C.M.L. Lisboa, «A Festa da Primavera»; Galeria «190». Lisboa, «Colectiva 13+2»; Galeria «Arcada» e Estoril, «Colectiva».
- 1990 – Galeria «Arte Bruta», Lisboa, «Natureza Morta é um Revivalismo?»; Galeria do Casino. Estoril, «Colectiva de Verão»; Galeria «S. Francisco», Lisboa, «Novos Valores na Arte Portuguesa».
- 1989 – Galeria do Casino. Estoril, «Salão de Pequeno Formato»; Galeria «Viragem», Cascais, «Os Limites da Abstracção?»; Galeria «Municipal», Almada, «Imagem 89»; Galeria «Amarte», Tomar, «Exposição de Pintura»; Galeria «Tempo», Lisboa, «Colectiva»; Galeria «Ara», Lisboa, «Colectiva»; Galeria do Casino. Estoril, «Aguarela Contemporânea»; Galeria «Municipal», Almada, «Portugal de Abril 89».
- 1988 – F.I.L., Lisboa, «Imagem/Feira da Cultura»; Galeria Municipal, Matosinhos, «1.ª Bienal Nacional de Matosinhos»; Espaço «T.E.C.», Cascais, «4.ª Exposição dos Sócios da viragem»; Galeria «Municipal» e Almada, «Exposição de Pintura e Escultural Espólio do Município»; Galeria «Almadarte», Costa da Caparica, «1.º Aniversário»; Galeria «Almadarte», Costa da Caparica, «Homenagem a Columbano».
- 1987 – Espaço «T.E.C.», Cascais, «2.ª Exposição de Pequeno Formato»; Galeria «Artificio», Lisboa, «Anual da Imagem 87»; Galeria «Municipal», Amadora, «Portugal de Abril 87».

- 1986 – Oficina da Cultura, Almada, «Portugal de Abril 86»; Galeria «Municipal», Sintra, «Imargem»; S.N.B.A., Lisboa, «Uma Casa para a Paz».
- 1985 – Galeria «Municipal», Amadora, « Prémio Desenho e Aguarela, Roque Gameiro», Palácio Cidadela, Cascais, «Portugal de Abril 85»; Casa da Cultura. Caidas da Rainha, «Imargem»; Museu da Cidade. Setúbal, «1.º Encontro de Artes».
- 1984 – Palácio Cidadela, Cascais, «Exposição de Artes Plásticas».
- 1982 – Oficina da Cultura, Almada, 1982 a 1986 – «Imargem 82».
- 1980 – Oficina da Cultura, Almada, «viagem ao Mundo da Linha, da Forma e da Cor».

PRÉMIOS:

Em 1985 obteve o 3.º Prémio de Desenho Mestre Roque Gameiro, atribuído pela Câmara Municipal da Amadora.

Têm-lhe sido atribuídas diversas Menções Honrosas em concursos de cartazes, nomeadamente, em 1986 pelas Câmaras Municipais de Palmela e de Vila Franca de Xira e, em 1987, pela Câmara Municipal de Lagoa (FATACIL). Seleccionada para a 1.ª Bienal de Tapeçaria (1988) e para a 1.ª Port Arte (1991), promovidas, respectivamente, pelas Câmaras Municipais de Matosinhos e Portimão. Está representada em diversas colecções particulares e públicas.

BIBLIOGRAFIA:

- Rodrigues Vaz, «A fluidez do traço e o rigor da linha» (Correio da Manhã – Out./88).
- Manuel Cargaleiro, «Texto do Catálogo» (Galeria Forum Picoas – Mar/89).
- Edgardo Xavier, «Texto do Catálogo» (Galeria Sant'ago, Almada – Nov./89).
- «Doze Anos de Pintura – Maria José Camões» (Catálogo subsidiado pela FNAC – Nov./89).
- Rocha de Sousa, «A memória lírica de quase nada» (Galeria Ara, Lisboa – Out./90).
- Helena Coutinho, «Texto do Catálogo» (Galeria Vértice, Lisboa – Abril/94).
- Albino Moura, «O Azul Claro do Sentir» (Galeria Convosco, Lisboa – Maio/96).
- BB International Fine Arts, «The New Artist No. 5» (Catálogo Internacional de Artistas, Zurich – Mai./01).
- Carlos Neves de Carvalho, «Respirar em Azul» (Galeria Augusto Cabrita, Seixal – Dez./01).
- Vitória Pinheiro, «Texto do Catálogo» (Galeria Iosephus, Lisboa – Fev./02).

Raul Fróis Rodrigues

Nascido a 23 de Maio de 1922, na Rua Carvalho da Serra, em Almada.

Aos 11 anos, ajudou a fundar um clubinho de rua, ao qual deu o nome de «3 de Novembro», dia de aniversário de sua mãe. Acabou após 9 anos de existência, altura em que quase todos se filiaram como juniores no Pedreirense, União Almadense, União Piedade e Sporting Piedense.

Dos 17 aos 21 anos fez parte da Banda da Academia Almadense. Depois de ter deixado a música, foi convidado por um grupo de amigos a fazer parte do elenco de uma revista a ensaiar na Incrível Almadense. Deram-lhe o papel de *Compere*, na revista «Cabaz de Frutas».

Esta revista com 32 representações, foi na época a revista de amadores com mais espectáculos realizados no distrito de Setúbal.

Depois veio a opereta a «Fonte dos Milagres», na qual fazia o papel de *Jerónimo da Botica*, um boticário malandro da aldeia de Sampaio, onde existia a «Fonte dos Milagres».

Esta opereta realizou 8 espectáculos, além de mais 3 realizados no Barreiro, Sarilhos e Sintra.

Na Incrível Almadense fez parte da revista «Vamos a Isto», com um total de 5 espectáculos na Incrível e mais 6 realizados na Aldeia de Paio Pires, Pragal, Sesimbra, Alfeite, Barreiro e Sarilhos Pequenos.

Na Academia Almadense, fez parte do elenco da revista «Esta Banda», como *Compere*. No grupo fazia parte o seu pai, conhecido em Almada por «Raúl Sapateiro».

Depois fez parte dos 6 espectáculos de «Almada Antes e Depois de Abril», uma organização da Câmara Municipal, Juntas de Freguesia e das três grandes colectividades: Incrível Almadense, SFUAP e Academia Almadense, tendo-se realizado 2 espectáculos em cada uma destas colectividades.

Com o grupo da Incrível, fez uma série de espectáculos no Distrito de Setúbal, tal como Setúbal, Barreiro, Baixa da Banheira, Sesimbra e Grândola, acompanhando Carlos do Carmo e seus guitarristas e violas.

Ensaiou a peça «Forja» de Alves Redol, com direcção de Jacinto Ramos, e como colegas D. Argentina Ferrão, o falecido Varela Silva, Américo Ribeiro e ainda um amador, cujo nome não se recorda. Infelizmente foi proibida pela *Censura*.

Hoje ainda faz teatro no grupo da Incrível Almadense.

Como associativista, fez parte dos corpos gerentes da Academia Almadense, nos anos de 1980 a 1988, inclusive.

Na Incrível Almadense, nos anos de 1997/1998, como Presidente da Mesa da Assembleia Geral.

Actualmente faz parte dos Corpos Gerentes da URPICA, como Presidente da Mesa da Assembleia-Geral.

P.^e Ricardo Gameiro Lopes

Nasceu a 19 de Fevereiro de 1929, numa aldeia chamada Carvalhal da Aroeira, freguesia de S. Pedro, Concelho de Torres Novas. Filho de Francisco Lopes do Carmo e de Maria do Rosário Gameiro.

Foi a dedicação de um padre, Pároco na sua Paróquia, «que muito admirava», e o papel preponderante de sua mãe, que o levaram a optar por ser padre. Entrou para o Seminário de Santarém com 11 anos, depois da 4.^a classe. Aos 14 anos ingressou no Seminário Patriarcal de Almada e aos 17 no Seminário Maior dos Olivais. Foi uma caminhada de 12 anos, para se ordenar Padre aos 25 anos, no dia 29 de Junho de 1954. Para um jovem vindo de um meio rural, o facto de deixar a sua aldeia era difícil; mas foi por uma exigência sacerdotal que começou a sua vida de Padre na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, como Vigário Paroquial, onde esteve 5 anos – de 1954 a 1959, e aí fez uma experiência enriquecedora, nomeadamente nos movimentos operários católicos.

Em 1959 foi nomeado Pároco da Paróquia de Olaia, Concelho de Torres Novas, perto de Tomar e do Entroncamento, nesta Paróquia de Olaia, (Torres Novas), meio que era um misto operário e operário rural, estávamos em 1960 e dava-se o êxodo para França e a imigração clandestina despovoava as nossas aldeias.

Sempre atento à dimensão social das populações, já na Olaia, sonhou com uma Cooperativa Rural que obviasse ao desencanto das gentes dos nossos campos.

Com 35 anos de idade, ofereceu-se para ir como Pároco para a Paróquia da Baixa da Banheira (junto ao Barreiro), um meio operário, des cristianizado, e portanto difícil, onde permaneceu 9 anos. Já antes tinha feito em Lisboa uma experiência de acção católica operária, tendo trabalhado bastante com jovens e adultos, muito ligados ao mundo operário; de resto foi esta opção pela problemática operária que foi determinante na sua vida.

Depois, várias razões como a da saúde o levaram a pedir para sair da Baixa da Banheira e vir para esta Paróquia da Cova da Piedade. Foram três as Paróquias que o marcaram mais profundamente; embora com problemas pastorais diferentes. Paróquia da Baixa da Banheira, um meio operário perto do Barreiro. Teve sempre uma preocupação social muito grande na sua vida, e também aí, na Baixa da Banheira, achou que, como Padre, poderia «ajudar a promover especialmente essas pessoas Criou uma Associação de Promoção Social, já com algumas iniciativas infantis. Viveu aí uma experiência humana muito rica e muito boa».

Na Baixa de Banheira, mercê do seu empenhamento pastoral na defesa do meio operário como também do afrontamento de algumas entidades patronais como a CUF, de então, aí sentiu o amargo da perseguição política do regime de então, que culminou com um cerco policial, no dia dos seus anos, quando os cristãos celebravam o seu aniversário natalício; estávamos em 1971.

Cova da Piedade – Aí chegou a 1 de Junho de 1975, no «verão quente» do mesmo ano. Após uma adaptação difícil, cedo se convenceu que, estando num meio grandemente des cristianizado – a frequência actual dos praticantes anda na ordem dos 5,5% – o mais importante seria apoiar e confirmar na Fé os praticantes, quantos vão à Igreja; e isto fazendo-os crescer numa espiritualidade mais esclarecida e adulta e próprias duma «Igreja em estado de missão» mas também se convenceu da necessidade de fazer da sua comunidade paroquial «um sinal de Deus», para os homens que na sua grande maioria vivem fora da esfera da acção da igreja.

Logo constatou que era pela acção social em prol de todos, independentemente do credo, ideológico ou religioso e sem fazer qualquer discriminação social, que passava o seu testemunho de Padre.

Querendo servir primariamente o homem concreto que o rodeia e atento aos apelos do mundo, verdadeiros sinais dos tempos, e preocupado por deixar passar o «rosto de Cristo», na vida de tantos homens, a começar pelos pobres, foi dando muito do melhor da sua vida à Pastoral Social; assim sempre preocupado com a problemática social, procurou ser o impulsor duma vasta Obra Social que tendo nascido no Centro Paroquial, Bairro de Nossa Senhora da Piedade, este não foi mais do que o lançar à terra duma «semente que se tornaria numa frondosa árvore»; é de salientar que a 1.^a semente fora lançada pelo P.^e António Sobral, Pároco anterior.

Passados 27 anos, a Instituição do Centro Paroquial abrange 5 Equipamentos, quatro dos quais, de grande dimensão, assim, actualmente esta Instituição funciona no Centro Paroquial localizado no Bairro já citado, no Centro Comunitário, parte integrante da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, Cova da Piedade/Laranjeiro, noutra Centro Comunitário – Renascer; no Chegadinho e a recente Residência de Nossa Senhora da Esperança, para Idosos; a Instituição que responde a todo o tipo de utentes desde bebés a Idosos, é num grande número de valências sociais que são outras tantas respostas, abrange actualmente 917 utentes e é servida por 182 trabalhadores, dos quais apenas 12 são voluntários.

Pensamos que é por este imenso campo social que passa o principal testemunho de Fé de uma Comunidade Paroquial que quer ser luz do mundo para os Homens e expressão visível de Cristo, aqui e agora, no meio dos homens.

Índice

COMISSÃO ORGANIZADORA	3
PROGRAMA	4
SAUDAÇÃO	5
AGRADECIMENTOS	6
INTRODUÇÃO	7
RUAS E PRAÇAS DO BAIRRO (TOPONÍMIA)	9
HISTÓRIAS E POEMAS (INTERLÚDIO)	21
AS NOSSAS GENTES DO BAIRRO	31
Alfredo Castanheira Martins Galego	33
Aurélio da Silva e Pinho	33
Carlos Alberto Marques Machado Santos	34
Carlos Canhão	37
Daniel Jerónimo das Mercês	40
Eurico da Fonseca	40
Fernando Jorge dos Santos Paiva	41
Fernando de Sousa Brito e Cunha	42
Herculano Fernandes Nogueira	43
João Jorge Tavares da Gama	44
João Mangualde Boquinhas	45
João Paulo Agrela	46
Jaime Jerónimo das Mercês	46
José Manuel Rodrigues Costa Martins	47
José Maria Peniche Galveias	48
Lourdes Sério	49
Lúcio de Jesus Ferreira Botas dos Santos	50
Luís António Mesquita	52
Maria Farrobilha	53
Maria José Camões	54
Raúl Fróis Rodrigues	57
Ricardo Gameiro Lopes	58
PLANTA DA CIDADE DE ALMADA	63





APOIOS DE:



CÂMARA MUNICIPAL
DE ALMADA



JUNTA DE FREGUESIA
DA COVA DA PIEDADE